

TEATRO: VARIACÕES SOBRE O TEMA

Elaboração de Luiz Arthur Nunes

(Palco às escuras. Música. Confusão de sons, ruídos e vozes dos atôres, que dizem as seguintes frases do texto:)

- Mas você também ganhou alguns quilinhos!
- Tu não sou bonito, eu não sou bonito...
- Será supliciado, queimado, esquartejado!
- To be or not to be: that's the question!
- Vivemos em tempos sombrios!
- Como te amo, Pierrot!

(PAUSA. LUZ SÔBR^o O 1^o ATOR)

1^o ATOR - Teatro: o que é teatro? Bem, teatro, o dicionário - diz: lugar onde se realize um acontecimento memorá-vel. (LUZ SÔBR^o O 2^o ATOR, A 1^a ATRIZ E A 2^a ATRIZ, QUE BRINCAM DE RODA AO SOM DE UMA MODINHA) Acontecimento memorável: algo que a mente aprisionou num ins-tante e a memória armazenou no tempo. Sendo assim, o teatro sugere definições outras:

Unidade! (MÚSICA S^{ens}UAL. LUZ SÔBR^o O 2^o ATOR E A 1^a ATRIZ ABRAÇADOS COMO SE FÓSSEM UM).

Espaço! (ACORDE DE VIOLÃO. SEPARAM-SE):

Tempo! (LUZ SÔBR^o A 2^a ATRIZ, CARACTERIZADA COMO BAI LARINA. CAIXINHA DE MÚSICA. A ATRIZ EXECUTA UMA BREVE DANÇA)

Ritmo! (MÚSICA RÁPIDA. O 1^o ATOR, CARACTERIZADO COMO MARIDO, CORR^o ATRÁS DA 1^a ATRIZ, CARACTERIZADA COMO EMPREGADA. SOMEM ATRÁS DO TELÃO DE FUNDO E IMEDIATA - MENTE REAPARECEM PELO OUTRO LADO, DESTA VEZ PERSEGUI-

DOS PELA 2ª ATRIZ, CARACTERIZADA COMO ESPÓSA. A CENA É RÁPIDA COMO A DE UM FILME MUDO)

Griaçoi Vidal O aprendizado das coisas da vida (MÚSICA. CENA DE EXPRESSÃO CORPORAL EM QUE OS ATÓRES CRIAM SÊRES DA NATUREZA)

- 2ª ATRIZ - Mas como a vida pode ter várias faces, o teatro também é visto de diferentes maneiras. Exemplo: o oriental vai ao teatro para fazer uma contemplação mística. (LUZ VERMELHA SOBRE OS DOIS ATÓRES SENTADOS COMO BONZOS EM PRECE. OUVEM-SE O CREPITAR DO FOGO E AMBOS CAEM RÍGIDOS AO MESMO TEMPO)
- 3ª ATRIZ - Como vêem, teatro, no Oriente, tem muito de religião. (OS DOIS BONZOS CAEM RÍGIDOS AO MESMO TEMPO)... e de política...
- 2ª ATRIZ - E no Egito, como seria o teatro? (LUZ SOBRE DOIS ATÓRES FORMANDO UMA FRISA EGÍPCIA)
- 1ª ATOR - Teatro na Grécia era um acontecimento cívico, político, moral e pedagógico, em que até a mulher era concedido o especial favor de assistir. (LUZ SOBRE DUAS ATRIZES EM PÓSE DE ESTÁTUAS GREGAS)
- 1ª ATOR - Já para os romanos, teatro era society. (AS ESTÁTUAS ANIMAM-SE E VIRAM DUAS VULGARES MATRONAS ROMANAS)
- 1ª ATRIZ - Querida! Há tanto tempo! Ah, mas como você está elegante, sua gorduchal! Qual é o seu segredo?
- 2ª ATRIZ - (COM VOZ DE GARÇA PROPAGANDA) Não há segredo, minha amiga. É que eu uso Palmolivibus Verdorum. Mas você ganhou alguns quilinhos.
- 1ª ATRIZ - Ora, deixe isso pra lá, boneca! Sabes, tenho milhões de fofocas para te contar. Exatamente dezesseis!

- 23 ATRIZ - Olhe só quem vem lá! (AMBAS FAZEM MÍMICA DE OLHAR EM UMA PESSOA QUE PASSA)
- 24 ATRIZ - Hum, Júpiter que me perdoe, mas essa aí não é flor que se cheire!
- 25 ATRIZ - Tenha compostura, querida! Não seja cafona! (PARA O PÚBLICO) Isso é muito dela!
- 26 ATRIZ - A audácia dessa vampira!
- 27 ATRIZ - Em compensação, no teatro japonês, o espírito agressivo era bem menos disfarçado. (GONGOS. MÚSICA JAPONÊSA. DOIS ATÔRES, COM MÁSCARAS DE KABUKI, EXECUTAM UMA MOVIMENTAÇÃO EM TOM SELVAGEM E VIOLENTO, COM GRITOS GUTURAIS E SALTOS. EM DADO MOMENTO, ENREDAM-SE E VÃO ESCORREGANDO EXAUSTOS PARA O CHÃO. IMEDIATAMENTE, ASSUMEM A POSIÇÃO DE TOMAR CHÁ. BAIXA DO TETO UMA TABULETA COM OS DIZERES: "A PAUSA QUE RE-VERSÇA". ENTRAM DUAS ATRIZES COM MÁSCARAS DE GUEIKAS E SERVEM O CHÁ. SAÚDAM-SE, CURVANDO-SE ATÉ O CHÃO E ESTABELECEM UM DIÁLOGO "NONSENSE" COM PALAVRAS COMO: VAKAMOTO, AJINOMOTO, HIROSHIMA, FUJI-AMA E TOYOTA-COLA)
- 28 ATRIZ - (MÚSICA: PONTO DE UMBANDA) Na Idade Média, voltou a ter importância o fator religião. O teatro abandonou a cena e instalou-se nos adros das igrejas. O espetáculo durava semanas e através dele o povo se instrua nos mistérios e milagres. A representação funcionava em três planos: inferno, purgatório e céu. (LUZ SOBRE UM QUADRO VIVO: 2º ATOR COM CHIFRES DE DEMÔNIO; 1º ATOR COM CIFRES E AURÉOLA; 1ª ATRIZ COM AURÉOLA, ASAS DE ANJO E MINI-TÚNICA) E o teatro discutia transcendentes problemas teológicos. (O 1º

ATOR ASSUME A POSIÇÃO DO "PENSADOR" DE RODIN, ENQUANTO O ANJINHO CRUZA A CENA SE REQUEBRANDO. MÚSICA MALÍCIOSA) E ditavam-se elevadíssimos preceitos morais. (1º ATOR FAZ MÍMICA DE ARAUTO DESENROLANDO O PERGAMINHO E PREPARANDO-SE PARA LER UMA IMPORTANTÍSSIMA COMUNICAÇÃO. MARCHA MILITAR. A AÇÃO QUE SE SEGUE É SIMULTÂNEA ÀS FALAS DO ARAUTO)

1º ATOR - Por ordem do Marechal Arçanjo da 3ª Legião de Querubins, fica decretada a seguinte emenda constitucional:

1ª - Perderá a bem-aventurança eterna, quem der mais de 50 passos fora de casa no domingo. (O ANJINHO VEM CAMINHANDO DESPREOCUPADAMENTE, QUANDO O DIABINHO DÁ UMA GARGALHADA E DIZ: "49". O ANJINHO PÁRA, PETRIFICADO, NO MEIO DO 50º PASSO)

2ª - Justificado será por bruxaria aquêlo que negar a quadratura da terra. (ANJINHO E DIABINHO JOGAM WOLLEY COM UM GLOBO. OUVEM-SE A PROIBIÇÃO E ESCONDEM O GLOBO)

3ª - Merecerá a fogueira da Santa Inquisição aquêlo que tentar se desalfabetizar. (ANJINHO E DIABINHO LÊEM INTERESSADAMENTE UMA REALIDADE DE CABEÇA PARA BAIXO)

4ª - Obterá uma cadeira cativa no céu, quem pagar pontualmente os seus donativos. (ANJINHO E DIABINHO RECOLHEM DONATIVOS)

5ª - Será torturada por impuralidade tôda a donzela que usar a túnica quinze centímetros acima do dedão. (ANJINHO, DANDO GRITINHOS, TENTA DESPERADAMENTE PULAR A TÚNICA)

6º - Será supliciado, queimado, esquartejado, salgado, cremado, pulverizado, desintegrado, e terá as cinzas expostas em praça pública, todo aquêlê que tiver a audácia de tentar subverter a nossa milenar tradição, per omnia saecula saeculorum, amen. (DIABINHO E ANJINHO EM PÂNICO PUXAM-SE UM AO OUTRO E TERMINAM FUGINDO)

2º ATRIZ - Já na Renascença, o homem passou a se preocupar com coisas mais terrenas. (MÚSICA MALICIOSA. O ANJINHO DESFAZ-SE DA AURÉOLA, ASINHAS E TÚNICA) Por isso, - veio a Commedia dell'Arte ressuscitar o riso e o amor. (PANTOMIMA COM O 1º ATOR, A 1ª ATRIZ E O 2º ATOR, REPRESENTANDO, RESPECTIVAMENTE, OS CARACTERES DE PIERROT, COLOMBINA E ARLEQUIM. EMBORA A PSICOLOGIA DESSAS PERSONAGENS SEJA RESPEITADA, A PANTOMIMA NÃO É UMA RECONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA COMMEDIA DELL'ARTE, MAS UMA BRINCADEIRA MODERNA EM TÔRNO DO AMOR DE SEMPRE) - E do amor-Pierrot, do amor-Colombina e do amor-Arlequim, nasceram a tristeza e o drama. - (MÚSICA TRISTE. LUZ SÔBRE PIERROT, ARLEQUIM E COLOMBINA, QUE EXECUTAM UMA BREVE CENA DE EXPRESSÃO CORPORAL, APOIADA NO SEGUINTE TEXTO):

ARLEQUIM - Sou alguém cuja sina foi amar, com Pierrot, a mesma Colombina. Alguém que, num jardim, teve o sublime - ensejo de beijar-te e jamais esquecer êste beijo.

PIERROT - Ai de mim, que tristonho trazia à tua vida a oferta de meu sonho. Pouca coisa, porém: uma chama ardente e inquieta a arrear pela terra um coração de poeta.

COLOMBINA - Como te amo, Pierrot!

ARLEQUIM - E a mim, cujo desejo te abriu o coração com a chave de meu beijo? A tua alma estava adormecida e o meu beijo a acordou para a glória da vida!

COLOMBINA - Como te amo, Arlequim!

PIERROT - Ah, a incerteza que desgraça! Escolhe entre nós dois. Bendiremos os fados, sabendo o que é feliz entre dois desgraçados!

ARLEQUIM - Dize - queres-me bem?

PIERROT - Fala, gostas de mim?

COLOMBINA - Eu te amo, Pierrot... e adoro-te, Arlequim. (A ARLEQUIM) O teu beijo é tão doce, (A PIERROT) e o teu sonho é tão manso. Pudesse eu repartir-me e encontrar minha calma, dando a Arlequim meu corpo e a Pierrot minha alma!

2ª ATRIZ - O teatro elizabetano também era feito para o povo, e o povo era temido e respeitado como severo juiz, capaz de atitudes bárbaras, se acaso um ator incorresse na sua ira. (ENTRA O 1º ATOR COM O ROSTO DESFIGURADO. VAI DIZER O MONÓLOGO DE HAMLET E, EM VEZ DA CAVEIRA, TRAZ NA MÃO UM TIGRE DA ESSO)

1º ATOR - To be or not to be! That's the question. To sleep, to die, no more... (OS OUTROS ATÓRES, QUE FIZERAM DE PLATÉIA, MASCANDO CHICLET E CUSPINDO PIPOCA, EXPULSAM-NO COM VAIAS E ASSOBIOS)

2ª ATRIZ - Dias difíceis, êsses, para o ator...

1ª ATRIZ - Mas na França de Luiz XIV, as companhias de teatro eram muitas vezes sustentadas por um nobre, especialmente para divertir a corte. À semelhança dos

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

romanos, os cortesãos franceses iam ao teatro por ser de bom-tom. Molière! O Médico Volante! (DÁ COM O BASTÃO AS CLÁSSICAS BATIDAS DE ANTES DE ABRIR O PANO. OUVI-SE UM MINUETO. A CENA É ENTREMEDIA DA DANÇA. O 1º ATOR FAZ GORGIBUS, O TIO; O 2º ATOR É SGANARELLE, O MÉDICO, E A 2ª ATRIZ É SABINE, A SOBRINHA)

SABINE - Eis que vos encontro a propósito, meu tio, para vos comunicar uma boa notícia. Trago-vos aqui o médico mais hábil do mundo, um homem que vem de países estrangeiros, que conhece os mais belos segredos e que, certamente, poderá curar minha prima. Em boa hora indicaram-no a mim e eu vô-lo apresento. É tão sábio que de bom grado desejaria ficar doente para que êle me curasse.

GORGIBUS - E onde está êle, pois?

SABINE - Ei-lo que vos segue. Vêde, aqui está!

GORGIBUS - Sr. Doutor, sou um humilde servo vosso. Mandei-vos buscar para ver minha filha que está doente. Deposito em vós tôdas as minhas esperanças.

SGANARELLO - Tendes tôda a razão ao depositar em mim vossas esperanças, pois sou o maior, o mais hábil, o mais douto médico que existe na face mineral, vegetal e sensitiva.

GORGIBUS - Estou encantado!

SGANARELLO - Sabei que não sou um médico ordinário, um médico como todos os outros. Todos os médicos, comparados a mim, não passam de abortos da medicina. Vita brevis, ars vera longa, occasio autem praecipua, exper-

rimentum periculorum, iudicium difficile, per omnia saecula saeculorum amen. Vejamos pois. (PÔE-SE A EXAMINAR O TIO)

- SABINE - Oh, mas não é êl- que está doente, é sua filha!
- SGANARELLO - Não importa! O sangue do pai e da filha são a mesma coisa, e pela alteração do sangue do pai, eu posso conhecer o da filha. Sr. Gorgibus, haveria possibilidade de se ver a urina da paciente?
- GORGIBUS - Como não! Sabine, ide correndo buscar a urina de mi nha filha. Sr. doutor, eu tenho tanto medo que ela morra... (SABINE SAI)
- SGANARELLO - Ah, ela que tome cuidado e não tenha a audácia de morrer sem a permissão do médico. (SABINE VOLTA COM UM URINOLZINHO DE PORCELANA) Aqui está uma urina - que indica muito calor e uma grande inflamação intestinal. (BEBE A URINA) Em todo o caso, não é tão ruim.
- GORGIBUS - O quê? Vós a engulis?
- SGANARELLO - Não vos espanteis! Os médicos, em geral, se contentam em olhá-la, mas eu, que sou um médico fora do comum, eu a bebo, porque pelo gosto identifico bem melhor as causas e as consequências da doença. Mas, para dizer a verdade, havia muito pouca urina para dar um bom diagnóstico. é preciso, pois, que vossa filha mijer mais.
- SABINE - Oh, mas eu já tive tanta dificuldade em fazê-la mijar!
- SGANARELLO - Ora, vejam só! Que impertinência! Fazei-a mijar copiosamente! (SABINE SAI) Se todos os doentes mijas

sem assim, eu estaria bem arrajando!

SABINE - (VOLTANDO COM O URINOL) Eis tudo o que pude obter.
Ela não conseguia mijar mais!

SGANARIELLO - O quê? Sr. Gorgibus, vossa filha só mijá por gôtas?
É sem dúvida uma péssima mijona! Estou vendo que se-
rá preciso lhe receita uma poção mijatória. Podem-
os ver a paciente? (Saem todos)

1ª ATRIZ - Mas no século passado o teatro entrou em crise. Vi-
rou uma arte gasta e contaminada, muito semelhante
a um certo tipo de diversão popular de nossos dias.

1º ATOR - Senhoras e senhoritas, o famoso creme dental Friné,
o criador dos mais belos sorrisos, e Henó de Právia,
o sabonete embelezador mais perfumado que existe, a-
presentam (MÚSICA DE NOVELA) mais um fascículo do e-
mocionante drama de Alfonso Alzogaray de la Renuncia-
ción: Terremoto de Paixões! (OUVEM-SE UM TANGO. O 2º
ATOR E A 1ª ATRIZ ATUAM COMO ATORES VEDETES)

2º ATOR - Oh, Desdêmona Tepezinha, venho chorando lágrimas mis-
por duvidar de teu pundonor!

1ª ATRIZ - Eu, Otelo Roberto? A dama mais pudibunda de Veneza?
Jamás, jamás atraíçoar-te-ia!

2º ATOR - Então justifica-me as nefandas tertúlias que com ou-
tro homem tiveste ao balcão nos alhores da aurora?!

1ª ATRIZ - Oh! Quem te contou?

2º ATOR - Iago Jorgel

1ª ATRIZ - Oh, isso é muito d'êle! Canalha, miserável, crápula,
sacripanta!

2ª ATRIZ - (ENTRA CARACTERIZADA DE VILÃO) Boa-noite! Ho,ho,ho!

2º ATOR E 1ª ATRIZ - Iago Jorge!!! (REBOLDOSA)

(ENTRA O 1º ATOR. AO SOM DA 5ª SINFONIA DE BEETHOVEN. VEM COM UMA BATUTA E IMPÕE RESPEITO)

1º ATOR - O vedetismo dos atores e os clichês do século XIX, tornaram urgente a vinda do diretor.

2ª ATRIZ - E com ele, a ordem restabeleceu-se. O teatro passou a funcionar como um relógio. A precisão do ritmo alcança o virtuosismo no vaudeville francês. Personagens: Monsieur, Prudence, Jézabel. Peça: Viagem ao redor de minha marmita. Autor: Labiche! (AO SOM DE UM CAN-CAN, SEMPRE NO COMPASSO, AS PERSONAGENS COLOCAM EM CENA O CENÁRIO: MESA E BANCOS. HÁ UMA MÍMICA DE ABRIR E FECHAR PORTAS, O PATRÃO (2º ATOR) ATRÁS DA EMPREGADA (1ª ATRIZ) E O EMPREGADO (1º ATOR) ATRÁS DOS DOIS. A MÚSICA PÁRA. A EMPREGADA PINTA CALMAMENTE AS UNHAS DO PÉ. ENTRA O EMPREGADO COM UM PAPEL NA MÃO)

JÉZABEL - E essa agora... Partir no dia do noivado! Que coisa ridícula!

PRUDENCE - Bem, mas já que o patrão te ordena...

JÉZABEL - Eu sei que é necessário. Mas quando o patrão fala comigo, eu fico todo bêsta! Me intimida esse homem! Puxa vida! Um dentista! (EXAMINA O PAPEL) Ah, meu Deus!...

PRUDENCE - O que é?

JÉZABEL - Este papel... (LÊ) "Bela Prudence... M.Dª Hau bignon"... é a mesma!

- PRUDENCE - A mesma o quê?
- JÉZABEL - Prudence! O patrão está dando em cima de ti!
- PRUDENCE - (COM APLOMB) É capazi
- JÉZABEL - Ele está sempre metido na tua cozinha, pica teus espinafres, debulha as tuas ervilhas, e me faz beber vinho açucarado...
- PRUDENCE - E o que é que isso prova?
- JÉZABEL - Isso prova... que as duas caligrafias são da mesma mão!
- PRUDENCE - Ora, vamos, estás imaginando coisas! Estás louco?
- JÉZABEL - Imaginando, é? Olha aqui. (MOSTRA O PAPEL) Tem um "C" aqui que se parece... não, não se parece!
- PRUDENCE - Repara bem, chéri, (APONTA PARA O PAPEL) êste "O" aqui está deitado, enquanto que êste outro está de pézinho!
- JÉZABEL - Isso não prova nada. A gente deita, levanta, deita, levanta...
- PRUDENCE - (FINGINDO CHÔRO) Ah, estou vendo que não me amas, porque se me amasses, não dirias que êles se parecem...
- JÉZABEL - (À PARTE) Está chorando! (PARA ELA) Vamos, Prudence, vamos, está bem, não se parecem não!
- PRUDENCE - Acho bom!
- JÉZABEL - (À PARTE) Apesar de tudo, eu ainda não estou convencido!
- PRUDENCE - Está bem, avia-te. Acabas perdendo o trem com essas besteiras.

- JÉZABEL - (À PARTE) Apressadinha, heim? Vamos atirar verde!
(PARA ELA) Vou buscar a dentadura no consultório do patrão e já vou embora.
- PRUDENCE - Enquanto isso, fico te preparando uma sopinha. Para te esquentar na viagem!
- JÉZABEL - (À PARTE) Vamos um pouco mais longe! (PARA ELA) Prudence, não é a sopa, é a tua imagem que vai me esquentar na viagem!
- PRUDENCE - Galanteador!
- JÉZABEL - (À PARTE) Estou chegando perto! (SAI)
- PRUDENCE - Ah, como êle me enche com os seus ciúmes! E ainda nem nos casamos!
- MONSIEUR - (ENTRA, TRAZENDO UM PAR DE BRINCOS. À PARTE) Aqui estão os brincos. Dezessete francos! Com as cozinheiras não adiantam sutilezas! (Para ela) PRUDENCE!
- PRUDENCE - Monsieur!...
- MONSIEUR - (MOSTRANDO OS BRINCOS) Aqui estão êles!
- PRUDENCE - Ah, vamos ver! Como são lindos!
- MONSIEUR - (À PARTE) Os sacrifícios que a gente faz!
- PRUDENCE - Ah, Monsieur!
- MONSIEUR - Deixa eu te beijar! Queres um beijinho?
- PRUDENCE - Cruzes! Não, Monsieur! (ELA RELUTA)
- MONSIEUR - Ah, bem que eu gostaria de um copo d'água!
- PRUDENCE - Eu também!
- JÉZABEL - (NO BASTIDOR) Bom dia, vizinha, como vai?
- PRUDENCE - Virgem! É êle!

- MONSIEUR - Mas ele já não tinha partido?
- PRUDENCE - Sim! Mas ele está com ciúmes... do senhor!
- MONSIEUR - Ah, cretino! Está ficando muito esperafinho!
- PRUDENCE - Mas se ele encontra o senhor aqui! Esconda-se!
- MONSIEUR - Eu? Mas onde?
- JÉZABEL - (NO BASTIDOR) Sim, senhora, passe bem!
- PRUDENCE - Aqui embaixo da mesa!
- MONSIEUR - Nas...
- PRUDENCE - Rápido, rápido, avie-se. (ELE ENTRA PARA BAIXO DA MESA)
- JÉZABEL - (ENTRANDO, DESCONFIADO) Estavas sozinha?
- PRUDENCE - Sim.
- JÉZABEL - Mas me pareceu que ouvi vozes!
- PRUDENCE - É no andar de cima. Aqui está a tua sops. (ENTREGA LHE O PRATO)
- JÉZABEL - Ah, mas que cheirinho bom de repólho!
- PRUDENCE - (À PARTE) Contanto que o outro não se mexa.
- JÉZABEL - (SENTANDO-SE À MESA) Ah, eu adoro repólho! (QUER FA-SE AO LEVAR A COLHER À BÓCA) Ai! (DÁ UM PONTAPÉ VIOLENTO QUE ACERTA NO PATRÃO EMBAIXO DA MESA)
- MONSIEUR - Ui?
- JÉZABEL - O quê? Monsieur... embaixo da mesa?!
- PRUDENCE - (À PARTE) Em flagrante!
- JÉZABEL - Saia, Monsieur, saia! ... Que fazia o senhor embaixo d'êste móvel?
- MONSIEUR - (SAINDO) Eu gosto de me pôr embaixo da mesa, de -

vez em quando... Cincinnatus gostava de lavrar...

JÉZABEL - Monsieur! ... Devo lhe dizer uma coisa: eu não engulo essa estória!

MONSIEUR - Está bem, Jézabel! Engula outra coisa, então, um cálicezinho de Bordeaux!

JÉZABEL - Absolutamente não aceitarei! Mas ousarei solicitar ao senhor uma entrevista particular. Deixe-nos, mam'selle Prudence!

PRUDENCE - (À PARTE) Isto ainda vai acabar mal! (PARA OS DOIS) Vou para o meu quarto, hum? (SAI)

JÉZABEL - (À PARTE) Agora nós dois!

MONSIEUR - (À PARTE) Muito bem, tenho uma questão de honra - com meu criado. Sejam firmes!

JÉZABEL - Monsieur, devo lhe dizer que, às vezes, encontra-se mais alma sob uma libré do que sob uma casaca!

MONSIEUR - A que se deve êsse ditado que não é nem nôvo nem consolador? Explique-se!

JÉZABEL - Eu ousei perguntar a Monsieur, com que finalidade estava embaixo da mesa?

MONSIEUR - Monsieur Jézabel! A quem pertence essa mesa?

JÉZABEL - Ao senhor, mas...

MONSIEUR - Então, por que não teria eu o direito de me colocar sob minhas próprias mesas?

JÉZABEL - Monsieur, mas Prudence...

MONSIEUR - Ah, por obséquio, eu não o interrompi. Essa mesa é minha, eu a comprei, eu a paguei com o suor do meu rosto! Se eu fôsse mal educado, eu poderia

considerar a sua pergunta indiscreta!

JÉZABEL - Sim, mas Prudence...

MONSIEUR - Eu não o interrompi!

JÉZABEL - (À PARTE) Acredite! Eu ainda não disse nada!

MONSIEUR - O senhor quer conversar? Pois bem, conversemos! Eu não vou falar nos meus pratos que o senhor quebra a todo o momento... Mas ousarei perguntar-lhe por que minhas botas não foram lustradas hoje de manhã;

JÉZABEL - Foi um esquecimento! Mas Prudence...

MONSIEUR - Ah, e quanto à minha lâmpada... estava soltando fumaça ontem à noite! Tossi durante duas horas, duas horas, senhor Jézabel!

JÉZABEL - Monsieur, é a mecha! ... Mas Prudence...

MONSIEUR - "Prudence" impunha-lhe o dever de comprar uma outra... mecha!

JÉZABEL - Mas contudo...

MONSIEUR - Peço-lhe que não me interrompa!

JÉZABEL - Sim, Monsieur. (À PARTE) Ele me intimida! (PARA O OUTRO) _Era só a respeito do que ocorreu há pouco... a mesa... Eu queria perguntar a Monsieur...

MONSIEUR - Me perguntar? Eu não gosto que estejam sempre me perguntando! Ontem, ainda, eu dei ao senhor umas calças e um velho chapéu...

JÉZABEL - Monsieur confunde as coisas! Isto é uma conversa..

MONSIEUR - Eu converso meus criados como bem entendo! Não me interrompa! Eu lhes ordeno o que me agrada lhes

ordenar!... Faz pouco, ainda, eu ordenei uma viagem. Por que ela não foi feita? Por que o senhor não partiu, senhor Jézabel?

JÉZABEL - Mas... foi porque...

MONSIEUR - Jézabel, você me dá pena! Pegue sua valise, abotoe-se e parta!

JÉZABEL - Sim, Monsieur... (À PARTE) Ele me intimida!

MONSIEUR - Então?

JÉZABEL - Estou me abotoando, Monsieur! Entretanto, eu gostaria de saber...

MONSIEUR - Vá, meu amigo, vá, vá!

JÉZABEL - Sim, Monsieur... Eu vou. (À PARTE) Tanto pior, não estou completamente convencido. Eu voltarei! (SAI)

MONSIEUR - Muito bem! O negócio está feito, ele parte por três dias. Céus, acho que grandes acontecimentos se preparam! Minha pobre esposa, teu maridinho está pendurado apenas por um fio!

PRUDENCE - (ENTRANDO) Psiu!... Psssiu!...

MONSIEUR - Prudence! (À PARTE) Alea jacta est!

PRUDENCE - Ele já foi! Acabo de vê-lo dobrar a esquina...

MONSIEUR - Sim, nós tivemos uma conversa muito séria e eu lhe fiz ouvir a voz da razão. O quê? Mudaste de touca, Prudencinha?

PRUDENCE - Puxa, Monsieur, é para fazer honra a seus brincos..

MONSIEUR - Ah, como és cativante... (À PARTE) É verdade, os bombeiros são mais felizes do que a gente pensa! Escuta... desde de manhã que eu acaricio um projeto!

- PRUDENCE - Qual?
- MONSIEUR - Vamos jantar juntos?
- PRUDENCE - Mas onde?
- MONSIEUR - Aqui... os dois... em tête-à-tête...
- PRUDENCE - Monsieur! Ah, vai ser divertidíssimo! ... Eu vou escardá a louça...
- MONSIEUR - Isso, escarda a louça! (À PART) Eu adoro êsse jeitinho errado de falar... Escardá a louça... (PARA ELA) E eu... vou escardá a sopeira!
- PRUDENCE - Isso, escarda!
- OS DOIS - ESCARDEMO!!! (MÚSICA)
- 2ª ATRIZ - Da necessidade, pois, surgiu o diretor. E com o diretor, os métodos: Stanislavski. Interiorização! (LUZ SÔBRE O 1º ATOR, NO CHÃO, EM POSIÇÃO FETAL, DIZENDO COM VOZ CAVA:)
- 1º ATOR - Batatinha quando nasce/ se esparrama pelo chão./ A menina que namora/ bota a mão no coração.
- 2ª ATRIZ - Brecht! Distanciamento crítico!
- 2º ATOR - Eu sou Mac... (EM MÍMICA, SACA UMA NAVALHA E INVESTE CONTRA A 1ª ATRIZ)... Navalha! (MÚSICA: MACK THE KNIFE. O 1º ATOR, EM VEZ DE ATACAR, COMEÇA A FAZER A BARBA COM A NAVALHA. A 1ª ATRIZ TOMA UMA TABULETA, NA QUAL ESTÁ ESCRITO "TABULETA", E DÁ UMA BREVE CORRIDINHA AO REDOR DE MAC)
- 2ª ATRIZ - Grotowsky! (CENA SATIRIZANDO O MÉTODO: UM ATOR DÁ AS INSTRUÇÕES E OS DEMAIS TENTAM, DESESPERADAMENTE, ATINGIR AS PROPOSIÇÕES DO MESTRE)

ATRIZ - Assim, pois, foi se solidificando o teatro no século XX.

ATRIZ - E o Brasil, país de personalidade e muito nacionalismo, começou a fazer seu próprio teatro, com peças que marcaram época. (MÚSICA DE MUSICAL AMERICANO. OS ATÔRES DÃO PASSOS DE DANÇA, TAMBÉM TÍPICAMENTE AMERICANA, E TERMINAM DIZENDO NUM CRESCENDO:)

TODOS - Boeing-Boeing, Mary-Mary, Hello Dolly, My Fair Lady; (O 1º ATOR E A 1ª ATRIZ FAZEM UMA DUBLAGEM EM PLAY DA CENA "O REI DE ROMA RUMA A MADRID", DO MUSICAL "MY FAIR LADY". A EUFORIA DA MÚSICA É SÚBITAMENTE QUEBRADA)

1º ATOR - Mas o teatro brasileiro não foi sempre alienado. Hoje, ele também fala de problemas nossos. (OS ATÔRES REALIZAM UMA CENA EM QUE É SATIRIZADO O "TEATRO HIPPIE", DA LINHA DE "HAIR")

2º ATOR - Chico-Reiii (MÚSICA DE CARNAVAL. O 2º ATOR FAZ CHICO-REI E A 1ª ATRIZ FAZ A RAINHA E, DEPOIS, A PRINCESA)

CHICO - (FUZILANTE DE COBIÇA) Que as negras não poupem o ouro nas festas do reisado, entendeu? Diga a elas. Diga! Quero as pias cheias de pó cintilante... Com isto compraremos novas liberdades, e teremos um exército. Com isto temos ordem e Deus... E elas nos temem, os que aqui nos trouxeram nos temem.

RAINHA - Como te iludes, Chico Rei! Que força significamos? Que armas nos cabem contra os donos do mundo?

CHICO - Falas ainda como uma escrava.

RAINHA - Eu tenho medo... Dizem, ouve, que organizem um movi

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 815
Fone: 226-0241 - CEP 90020-025

mento contra nós.

- CHICO - Porque nos temem.
- RAINHA - Que somos um Estado dentro do Estado e que El Rei Português não vê isso com bons olhos.
- CHICO - Que não veja. Aqui estamos, e resistiremos.
- RAINHA - Não temos armas bastantes.
- CHICO - Temos o sangue e a nossa vida. É o suficiente.
- RAINHA - Mas isto acaba.
- CHICO - Tudo acaba.
- RAINHA - Tu não quero morrer, não quero que tu morras, Chico!
- CHICO - És mesquinha, mulher. (TOM) Destino humano, entendes?
- RAINHA - Destino humano.
- CHICO - Lembras quando em terras da África andávamos livres dos como Deus queria?
- RAINHA - Lembro. E tu nunca olhavas para mim, Chico Rei.
- CHICO - Tu tinha a minha rainha, e um rei tem deveres graves.
- RAINHA - Mas eu te amava.
- CHICO - E eras uma menina, uma cabrita selvagem.
- RAINHA - Mas eu te amava.
- CHICO - Tu sei, hoje eu sei. Mas isto não importa. Tu te fofava da liberdade.
- RAINHA - Fala, Chico Rei.
- CHICO - Tu jamais pensei que algo mudasse tão completamente, porque a gente não pensa no outro lado do destino. - Nascido príncipe, educado para rei, eu era rei como a água é água.

- RAINHA - Tu via o teu denôdo, a tua fúria, a tua juventude.
- CHICO - Bem cedo me adestraram na luta contra os javalis. Agora eu me exercito.
- RAINHA - Hoje és um infeliz.
- CHICO - Que tudo passa...
- RAINHA - Tu via o teu amadurecimento. Era como se o mundo terminasse ali.
- CHICO - Terminava mesmo. Tu não sabia que os invasores rondavam, e por razões de ambição. A liberdade é um direito tão animal, minha rainha. Mas os invasores rondavam não para usurpar terras e implantar poderio, não para provar fôrça e conquistar sua fêmea, mas para explorar território, semo amor. Luta inglória, rainha.
- RAINHA - Desde o princípio, Chico Rei.
- CHICO - Lembro da sujeição amorosa do meu povo, da liberdade e da justiça correndo lado a lado, sem outra imposição que o direito do grupo. Lembras?
- RAINHA - Como lembro!
- CHICO - Lembras também da minha rainha?
(...)
- RAINHA - Ela está morta.
- CHICO - É o que é a morte, contra a recordação?
- RAINHA - Tu aceito assim...
- CHICO - Tu te amo porque respeitas isso.
(...)
- RAINHA - Na viagem eu não te vi.

- CHICO - (TRANSFIGURADO DE DOR) O navio... Todos atados com correntes, a sede devorando as nossas entranhas, nossos filhos morrendo, minha rainha morrendo.
- RAINHA - Eu não te via Chico Rei.
- CHICO - Até na escravidão me davam honras de rei, honras que no caso eram humilhações. Eu era escravo à parte. Separado de meu povo, ali nas galés mais duras. Mas eu ouvia o seu lamento, ouvia o chicote estalar. E não entendia muito bem porque.
- RAINHA - Eu chorava.
- CHICO - És fraca.
- RAINHA - Sou.
- CHICO - Eu vi as coisas mais dolorosas para o meu coração, e não chorei. Vi o definhamento da minha rainha, seu gemido durante a noite, abracei sua febre contra o meu peito. Chegou a haver súplica nos meus olhos, mas os verdugos não viam nada... Éramos objetos. Vi meus filhos revezarem nas galés e voltarem marcados de chicote e ignomínia. Durante a noite eu não dormia, ouvia o baque do corpo ao mar e ficava pensando quem seria. E eram tantos - quanto o marulho das águas. O nosso mar, ali, sendo infame sepultura.
- RAINHA - Não fales mais, Chico Rei.
- CHICO - Não falo... que adiante?
- RAINHA - Ainda estamos ameaçados.
- CHICO - Agora? Duvido. Temos a igreja de Santa Ifigênia, temos a hierarquia...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- temos a Mina do Palácio Velho, temos o Reisado e a Festa do Divino, temos a hierarquia e a ordem, rainha.

RAINHA - Eles têm mais ambição e força.

CHICO - Ainda que fôsse assim, não deverias pronunciar tais palavras. Ficas comigo?

RAINHA - Sempre.

CHICO - Pois fica sabendo que Chico Rei não conhece outro poder que o da graça de sua administração. E que não se mata a vida!

RAINHA - Mas se morre.

CHICO - Tudo se acaba, mas a morte é o instante. Aqui está Chico Rei, vivo ou morto, mas inesquecido.

(...)

PRINCESA - Hoje é seis de janeiro.

CHICO - Dia de reisado.

PRINCESA - Faz de teu filho chefe da irmandade de Santa Ifigênia.

CHICO - Ele é um fraco.

PRINCESA - Não repitas isso.

CHICO - Nas reuniões fica mudo quando falamos em guerra.

PRINCESA - Guerra! Guerra! Oh, estás louco Chico Rei. Guerrrear, como? Contra quem? Contra as forças de Portugal? Mas te esmagariam antes que pudesses dar a primeira ordem, Chico Rei. De que vale um ideal nas mãos de um incauto? Cuidado... olha o código negro.

CHICO - É contra ele que aqui estou. Que animal somos nós? Ordenam que a todo negro fugido se corte a perna direita, e coloque em seu lugar uma perna de pau, para que

- mesmo aleijado não escape a seu senhor e sirva para alguma coisa.

PRINCESA - É pelo negro fugido, castigado assim, o Estado indeniza o proprietário.

CHICO - Que animal somos nós?

PRINCESA - Mas nós temos dinheiro, Chico Rei, e compramos a liberdade dos nossos.

CHICO - E quais são os nossos?

PRINCESA - Os da nossa família, os da nossa tribo.

CHICO - Mulher, a nossa tribo é a raça.

PRINCESA - Chico Rei, enlouqueceste? Que não te ouçami

CHICO - Não durmo enquanto não vir a liberdade inteira, aqui.

PRINCESA - Não dormiremos nunca, Chico Rei.

(TERMINADA A CENA, DURANTE A QUAL OS ATÓRES EXECUTARAM UM GINGADO SOLENE DE ESCOLA DE SAMBA, À MEDIDA EM QUE, COM A PROGRESSÃO DA VIOLÊNCIA DA CENA, IAM SE DESPINDO DOS ACESSÓRIOS, COMEÇA UMA DANÇA SELVAGEM)

ACTRIZ - Marat-Sade. Peter Weiss.

Hoje vivemos em tempos muito diferentes. Sem os opressores e sem as falências. Estamos a caminho de nossa recuperação. Temos pão e também temos carvão, e, mesmo que ainda mantenhamos uma guerra, diante de nós só brilha a vitória.

ACTRIZ - Andorra. Max Frish.

ANDRI - Precisamos falar, Andri.

ANDRI - Outra vez? (ANDRI RI) Hoje, todos se portam como ma

rionetes quando se embaralham os fios; o senhor também, reverendo. (ANDRI ACENDE UM CIGARRO) Eu tenho essa impressão. O senhor não tem? (ANDRI FUMA)

PADRE - Eu preciso lhe dizer uma coisa, Andri.

ANDRI - Já sei, o reverendo quer me dizer que não se deve chegar perto de um soldado e jogar o quepe dêle no chão, quando quem faz isso sabe que não passa de um judeu, e que isso, aliás, não se deve fazer em nenhum caso. - Pois eu estou satisfeito do que fiz e, por sinal, aprendi uma coisa, ao fazê-lo, mesmo se ela não me adianta nada. Aliás, não passa um só dia, desde a nossa conversa, reverendo, sem que eu aprenda alguma coisa, que não vai adiantar nada, é claro, exatamente como as suas boas palavras, reverendo. Eu acredito que o senhor quer o meu bem, o senhor é cristão de profissão, mas eu sou judeu de nascimento e, por isso, vou emigrar.

PADRE - Andri...

ANDRI - Se conseguir, é claro. (ANDRI APAGA O CIGARRO) Eu não queria dizer isso a ninguém.

PADRE - Fique sentado.

ANDRI - É a única coisa que o reverendo pode fazer por mim, agora, é ficar calado e não contar nada a ninguém. (ANDRI LEVANTA-SE) Preciso ir. (ANDRI RI) Eu tenho qualquer coisa de inquieto, eu sei, o reverendo tem toda a razão...

PADRE - Mas quem ia falar era você ou era eu?

ANDRI - Desculpe. (SENTA-SE) Estou ouvindo.

- PADRE - Andri...
- ANDRI - O senhor está tão solene!
- PADRE - Vim aqui trazer a redenção para você.
- ANDRI - Estou ouvindo.
- PADRE - Eu também não sabia de nada, na última vez que conversamos juntos. Há não sei mais quantos anos que se dizia que ele salvou a vida de uma criança judia. Era um ato cristão, por que eu não havia de acreditar? Mas, agora, Andri, depois da visita de sua mãe...
- ANDRI - A visita de quem?
- PADRE - Da senhora. (ANDRI LEVANTA-SE DE UM PULO) Sente, Andri... Não, você não é judeu. (SILÊNCIO) Você não acredita no que lhe estou dizendo?
- ANDRI - Não.
- PADRE - Então, você acha que estou mentindo?
- ANDRI - Isso a gente sente, reverendo.
- PADRE - Sente o quê?
- ANDRI - Se é judeu ou não é. (O PADRE LEVANTA-SE E SE ACERCA DE ANDRI) Não me toque, reverendo! As suas mãos! Não quero mais isso comigo!
- PADRE - Por que você não quer acreditar em nós?
- ANDRI - Já parei de acreditar. Nunca mais.
- PADRE - Pois eu lhe digo e juro pela salvação da minha alma, Andri: você é filho d'ele, é filho d'ele, é filho da nossa terra. E que não se fale mais em judeu, a seu respeito.

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- ANDRI - Mas já se falou muito... (Barulho na rua).
- PADRE - O que foi? (SILÊNCIO)
- ANDRI - Desde o dia em que me disseram que sou diferente dos outros, eu prestei atenção, para ver se era verdade o que diziam. É verdade, reverendo: eu sou diferente. Diziam que as pessoas da minha raça gesticulam assim e assim... E eu me coloquei na frente do espelho, quase tôdas as noites. Eles têm razão: eu gesticulo mesmo assim e assim. Não posso gesticular de outro modo. E prestei atenção para ver se é mesmo verdade que eu estou o tempo todo pensando em dinheiro, quando os andorranos ficam me observando e pensam - que eu estou pensando em dinheiro. E, mais uma vez, eles têm toda a razão: eu estou o tempo todo pensando em dinheiro. É assim, não há nada a fazer. E não tenho sentimentos; procurei ter, mas ser resultado: não tenho sentimentos, tenho somente medo. E me disseram que as pessoas da minha raça são covardes. Também prestei atenção nisso. Covardes há muitos, mas eu sei quando sou covarde. Tu não queria admitir o que eles me diziam, mas é assim mesmo. Eles me pisaram com as botas e é como eles dizem: eu não sinto do mesmo modo que eles. E não tenho pátria. O reverendo disse que se deve aceitar este fato e eu o aceitei. Agora, cabe aos andorranos todos, reverendo, aceitarem o seu judeu.
- PADRE - Andril...
- ANDRI - Quem fala agora sou eu, reverendo.
- PADRE - Você gostaria de ser judeu?

PADRE - Tu sou judeu. Durante muito tempo, eu não sabia o que
 queria dizer. Agora sei. (O PADRE SENTA-SE, LESA
 NIMAD) Eu gostaria de não ter pai nem mãe, para que
 sua morte não pesasse sobre mim com a dor e o desespé-
 ro e nem a minha morte sobre eles. E de não ter irmã
 nem noiva: dentro em breve, todos os elos estarão par-
 tidos, contra isso não há juramento ou fidelidade que
 valha. E gostaria de que o que tem de ser não demoras-
 se. Estou velho. Tudo aquilo em que eu confiava desca-
 bou, uma certeza caiu depois da outra, como dantes. Tu
 me alegrei, o sol me parecia verde nas árvores, ati-
 rei meu nome para o ar como um boné, que não perten-
 cesse a ninguém, senão a mim, e o que cai de volta
 é uma pedra, que me mata. Tu estava errado, ainda que
 de modo diferente do que eles pensavam. Queria estar
 com a razão e alegrar-me. Os que eram meus inimigos
 é que tinham razão, mesmo sem terem razão para isso,
 porque, no fim de todo o exame de consciência, nin-
 guém pode dar razão a si mesmo. Agora, não preciso
 mais de inimigos. A verdade é suficiente. Tu me assus-
 to, toda a vez que ainda alimento esperança. A espe-
 rança nunca me faz bem. Tu me assusto quando rio, mas
 não consigo chorar. Minha tristeza me ergue acima de
 vocês todos e, assim, terei de despenhar-me ao solo.
 Meus olhos estão inchados de angústia, o meu sangue
 sabe de tudo e eu desejaria estar morto. Mas a morte
 me causa terror. A misericórdia divina não existe...

PADRE - Isso que você disse é pecado.

PADRE - Olhe para o velho mestre-escola, veja e que se ache
 reduzido, e no entanto, houve um tempo em que foi jo-

vem e tinha, como êles diz, uma grande força de vontade. Olhe para Barblin. E para todos, para todos, não sómen-
te para mim. Olhe para os soldados. Tudo gente condena-
da. Olhe para o senhor mesmo. O senhor já sabe hoje o
que irá fazer, reverendo, quando vierem me pegar debai-
xo dos seus olhos tão bondosos! O senhor irá rezar. Por
mim e pelo senhor mesmo. Mas a sua reza não irá ajudar
nem sequer ao senhor: apesar de tudo, reverendo, o se-
nhor se tornará um traidor. A misericórdia divina é u-
ma eterna lenda, o sol parecerá verde nas árvores tam-
bém quando êles vierem me levar.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

2.º ATOR - Os Rincocerontes. Eugène Ionesco.

Agora estou completamente só, continuarei só como sou.
Sou humano, um ser humano. Mas não, eu não sou bonito.
êles, os rincocerontes, é que são belos. Ah, como eu
gostaria de ser como êles, mas, infelizmente, não te-
nho corno. Como é feia uma testa lisa. Eu precisaria
de um ou dois para levantar meus braços caídos. Talvez
nasçam, e a essa altura eu já não terei vergonha, poderei
ir me encontrar com êles. Mas isso não nasce! Mi-
nhas mãos estão suadas, Será que elas ficarão rugosas!
Tenho a pele flácida, ah, êsse corpo tão branco e pelu-
do! Como eu gostaria de ter uma pele dura e aquela so-
berba côr esverdeada, uma nudez decente, sem pêlos, co-
mo a dêles. Há um certo atrativo no canto dêles, um
pouco rude, mas mesmo assim, atraente! Se eu pudesse
fazer como êles, ah, como eu me arrependo! Devia ter
seguido todos êles, enquanto era tempo, agora é tarde
demais! Infelizmente, nunca serei rincoceronte, nunca!
Nunca mais poderei mudar. Gostaria muito, gostaria tan-

to, mas já não posso! Não quero olhar para a minha cara, tenho vergonha, como sou feio! Infeliz daquele que quer conservar sua originalidade! Muito bem, tanto - pior, eu me defenderei contra todo o mundo. - Minha carabina, minha carabina! Contra todo o mundo eu me defenderei! Eu me defenderei contra todo o mundo! Sou o último homem, hei de sê-lo até o fim! Não me rendo!

(DURANTE TÔDA ESSA CENA, SUBLINHADA POR UMA MÚSICA SELVAGEM E PRIMITIVA, O 1º ATOR E AS DUAS ATRIZES, COM MÁSCARAS DE RINOCERONTE, MOVEM RÍTMICAMENTE OS PÉS. POUCO A POUCO, VÃO SE APROXIMANDO DO 2º ATOR, ATÈ OFFERECER-LHE UMA BARREIRA, CONTRA A QUAL ÊLE SE CHOCA NA FRASE FINAL).

1º ATOR -- (MODINHA) O Pequeno retábulo de Don Cristóval. García Lorca.

O poeta que interpretou e recolheu de lábios populares esta farsa de Guignol, tem a certeza que o público desta noite saberá acolher com inteligência o coração limpo, a deliciosa e rude linguagem dos bonecos. Todo Guignol tem êsse ritmo, essa alegria e essa encantadora liberdade que o poeta conservou no diálogo. O Guignol é a expressão da fantasia do povo e dá o clima de sua graça e sua inocência. Assim, pois, o poeta sabe que o público ouvirá com alegria e simplicidade, expressões e vocábulos que nascem da terra e que servirão de limpeza numa época em que a maldade, erros e sentimentos turvos chegam ao mais fundo dos lares.

(LUZ SÔBRE O QUADRO VIVO: MÃE (1ª ATRIZ), DON CRISTÓVAL (2º ATOR) e ROSITA (2ª ATRIZ). SÃO BONECOS DE CORDAS E VÃO FALAR E GESTICULAR COMO TAL.)

MÃE

- Eu sou a mãe de Dona Rosita
 E quero que se case,
 Porque já tem dois peitinhos
Como duas laranjinhas,
Uma bundinha como um queijinho,
 E uma passarinha
 Que já canta e grita.
 E é o que eu digo:
 Faz-lhe falta um marido
 E, se possível, dois.
 Ha, ha, ha, ha, ha.

CRISTÓVAL - Senhora!

MÃE - Cavalheiro de pluma e tinteiro!

CRISTÓVAL - Não tenho sombreiro.
 A senhora saberá
 Que quero me casar.

MÃE - Tu tenho uma filha.
 Que dinheiro me dás?

CRISTÓVAL - Uma moeda de ouro
Das que cagou o mouro,
 Uma moeda de prata
Das que cagou a gata,
 E um punhado de vinténs
Que cagou a sua mãe
 Quando não era ninguém.

MÃE

- Quero também uma mula
 Para ir a Lisboa
 Quando sai a lua!

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CRISTÓBAL - Uma mula é muito,
Senhora, não posso.

Mãe - Ora, o senhor tem dinheiro,
Senhor Don Cristóbal.
Minha Rosita é jovem
E o senhor já é velho,
Velho, velho, requetevelho!

CRISTÓBAL - E a senhora é uma velha,
Que limpa a bunda com uma telha.

Mãe - Bêbedo, indecente!

CRISTÓBAL - Vou já te pôr a barriga quente!
Conta com a mula!
Onde está Rosita?

Mãe - De camisola em seu quarto.
E está sôzinha!
Ha, ha, ha, ha, ha.

CRISTÓBAL - Dê-me seu retrato.

Mãe - Mas firmaremos antes o contrato.

OS DOIS - (CANTANDO, À MEDIDA QUE SAEM) Te dará o pé,
Estando contigo,
Se me deres dinheiro,
Fará o que eu digo.

CRISTÓBAL - (IMEDIATAMENTE REAPARECENDO DE TRÁS DO TELÃO, JUNTO
COM ROSITA)
Ai, minha Rosita!

ROSITA - Ai, Cristóbal, tenho medo!
Que vais me fazer?

CRISTÓBAL - Vou te fazer muuuuuuuuu!

- ROSITA - Sim, sim, sim, sim, sim. (REPARE O PRÓLOGO E OS DOIS BEIJAM-SE NOVAMENTE)
- CRISTÓBAL - (ACORDANDO) Brrrrrrr! Que foi isto, Rosita, foste tu?
- ROSITA - Não te ponhas assim.
São as rãs do banhado!
- MÃE - (NO BASTIDOR) Rositaaaaaaaa! Aqui está o médico!
(CRISTÓBAL ADORMECE NOVAMENTE)
- PRÓLOGO - (ENTRANDO E ACORDANDO DON CRISTÓBAL) Cristóbal!
- CRISTÓBAL - (DESPERTANDO) O que há?
- PRÓLOGO - Acorda, que Dona Rosita está enferma!
- CRISTÓBAL - Que tem ela?
- PRÓLOGO - Está de parto!
- CRISTÓBAL - Parto?!!!!
- PRÓLOGO - Sim, teve quatro filhos. (SAI)
- CRISTÓBAL - Ai, Rosita, tu vais me pagar,
Mulher má! Com tostões que me custaste!
Pin, pan, brrrrrrr! (ROSITA GRITA, ENTRA A MÃE)
De quem são os filhos?
- MÃE - Teus!
- CRISTÓBAL - (DÁ-LHE UM GOLPE) De quem são os filhos?
- MÃE - Teus, teus, teus, teus!
- PRÓLOGO - (METE A CABEÇA PARA FORA) Agora está nascendo o quinto!
- CRISTÓBAL - De quem é o quinto? (GOLPE)
- MÃE - Teu, teu, só teu!

CRISTÓBAL -- (GOLPES) Te matei, velha bruxa, te matei!
Agora vou saber de quem são os filhos!

MAM -- Teus, teus, teus, teus!

CRISTÓBAL -- (GOLPE SOBRE GOLPE) Toma, toma, toma, por...por...

PROLOGO -- (ENTRANDO) Basta! (COMEÇA A OUVIR-SE UMA MODINHA)

Senhoras e senhores: os camponeses andaluzes assistem, com frequência, comédias desse tipo, sob os ramos cinzentos das oliveiras, no ar sombrio dos estábulos abandonados. Entre os olhos das mulas e os tenros feixes de espigas molhadas, estalam com alegria e encantadora inocência, palavrões e vocábulos que não aguentamos nos ambientes das cidades. Os nomes feios adquirem ingenuidade e frescor, ditos por bococos que mimam o encanto dessa velhíssima farsa rural. Enchamos, pois, o teatro de espigas frescas, sob as quais passem os palavrões, a lutar contra a vulgaridade e o tédio a que a cena tem sido condenada. E saudemos hoje a Don Cristóbal, primo andaluz do Bululu galgo, cunhado de tia Norica de Cádiz, irmão de M. Guignol, de Paris, o tio de Arlequim de Bêrgamo, como uma das personagens onde vive, pura, a velha essência do teatro.

(MÚSICA)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEATRO: VARIAÇÕES SOBRE O TEMA

Elaboração de Luiz Arthur Nunes




Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

O presente texto foi liberado pela SEAT exclusivamente para fins de Censura. Sua apresentação depende da necessária licença prévia.

P. Alegre, 6 de Novembro de 1971

Soc. Brasileira de Autores Teatrais
Suc. do Rio Grande do Sul


Dr. Aron Mendes
Representante Geral

TEATRO: VARIAÇÕES SOBRE O TEMA

Elaboração de Luiz Arthur Nunes



(Palco às escuras. Música. Confusão de sons, ruídos e vozes dos atôres, que dizem as seguintes frases do texto:)

- Mas você também ganhou alguns quilinhos!
- Eu não sou bonito, eu não sou bonito...
- Será supliciado, queimado, esquartejado!
- To be or not to be: that's the question!
- Vivemos em tempos sombrios!
- Como te amo, Pierrot!

(PAUSA. LUZ SÓBR^o O 1^o ATOR)

- 1^o ATOR - Teatro: o que é teatro? Bem, teatro, o dicionário diz: lugar onde se realiza um acontecimento memorável. (LUZ SÓBR^o O 2^o ATOR, A 1^a ATRIZ E A 2^a ATRIZ, QUE BRINCAM DE RODA AO SOM DE UMA MODINHA) Acontecimento memorável: algo que a mente aprisionou num instante e a memória armazenou no tempo. Sendo assim, o teatro sugere definições outras:
- Unidade! (MÚSICA SENSUAL. LUZ SÓBR^o O 2^o ATOR E A 1^a ATRIZ ABRAÇADOS COMO SE FÓSSEM UM).
- Espaço! (ACORDE DE VIOLÃO. SEPARAM-SE):
- Tempo! (LUZ SÓBR^o A 2^a ATRIZ, CARACTERIZADA COMO BAILARINA. CAIXINHA DE MÚSICA. A ATRIZ EXECUTA UMA BREVE DANÇA)
- Ritmo! (MÚSICA RÁPIDA. O 1^o ATOR, CARACTERIZADO COMO MARIDO, CORR^e ATRÁS DA 1^a ATRIZ, CARACTERIZADA COMO EMPREGADA. SOMEM ATRÁS DO TELÃO DE FUNDO E IMEDIATAMENTE REAPARECEM PELO OUTRO LADO, DESTA VEZ PERSEGUI-

DOS PELA 2ª ATRIZ, CARACTERIZADA COMO ESPÓSA. A CENA É RÁPIDA COMO A DE UM FILME MUDO) (MÚSICA. CENA DE EXPRESSÃO CORPORAL EM QUE OS ATÓRES CRIAM SÊRES DA NATUREZA)

- 2ª ATRIZ - Mas como a vida pode ter várias faces, o teatro também é visto de diferentes maneiras. Exemplo: o oriental vai ao teatro para fazer uma contemplação mística. (LUZ VERMELHA SÔBRE OS DOIS ATÓRES SENTADOS COMO BONZOS EM PRÉCE. OUVI-SE O CREPITAR DO FOGO E AMBOS CAEM RÍGIDOS AO MESMO TEMPO)
- 3ª ATRIZ - Como vêem, teatro, no Oriente, tem muito de religião, (OS DOIS BONZOS CAEM RÍGIDOS AO MESMO TEMPO)... e de política...
- 2ª ATRIZ - E no Egito, como seria o teatro? (LUZ SÔBRE DOIS ATÓRES FORMANDO UMA FRISA EGÍPCIA)
- 1º ATOR - Teatro na Grécia era um acontecimento cívico, político, moral e pedagógico, em que até à mulher era concedido o especial favor de assistir. (LUZ SÔBRE DUAS ATRIZES EM PÔSE DE ESTÁTUAS GREGAS)
- 1º ATOR - Já para os romanos, teatro era society. (AS ESTÁTUAS ANIMAM-SE E VIRAM DUAS VULGARES MATRONAS ROMANAS)
- 1ª ATRIZ - Querida! Há tanto tempo! Ah, mas como você está elegante, sua gorduchal! Qual é o seu segredo?
- 2ª ATRIZ - (COM VOZ DE GARÇA PROPAGANDA) Não há segredo, minha amiga. É que eu uso Palmolivibus Verdorum. Mas você ganhou alguns quilinhos.
- 1ª ATRIZ - Ora, deixa isso pra lá, boneca! Sabes, tenho milhões de fofocas para te contar. Exatamente dezesseis!



20 ATRIZ - Olha só quem vem lá! (AMBAS FAZEM MÍMICA DE OLHAR PARA A PESSOA QUE PASSA)

21 ATRIZ - Hum, Júpiter que me perdoe, mas essa aí não é flor que se cheire!

22 ATRIZ - Tenha compostura, querida! Não seja cafona! (PARA O PÚBLICO) Isso é muito ô-lai!

23 ATRIZ - A audácia dessa vampira!

24 ATRIZ - Em compensação, no teatro japonês, o espírito agressivo era bem menos disfarçado. (GONGOS. MÚSICA JAPONÊSA. DOIS ATÓRES, COM MÁSCARAS DE KABUKI, EXECUTAM UMA MOVIMENTAÇÃO EM TOM SELVAGEM E VIOLENTO, COM GRITOS GUTURAIS E SALTOS. EM DADO MOMENTO, ENREDAM-SE E VÃO ESCORREGANDO EXAUSTOS PARA O CHÃO. IMEDIATAMENTE, ASSUMEM A POSIÇÃO DE TOMAR CHÁ. BAIXA DO TETO UMA TABULETA COM OS DIZERES: "A PAUSA QUE REFRESCA". ENTRAM DUAS ATRIZES COM MÁSCARAS DE GUEIRAS E SERVEM O CHÁ. SAÚDAM-SE, CURVANDO-SE ATÉ O CHÃO E ESTABELECEM UM DIÁLOGO "NONSENSE" COM PALAVRAS COMO: VAKAMOTO, AJINOMOTO, HIROSHIMA, FUJI-AMA E TOYOTA-COLA)

25 ATRIZ - (MÚSICA: PONTO DE UMBANDA) Na Idade Média, voltou a ter importância o fator religião. O teatro abandonou a cena e instalou-se nos adros das igrejas. O espetáculo durava semanas e através dele o povo se instrua nos mistérios e milagres. A representação funcionava em três planos: inferno, purgatório e céu. (LUZ SOBRE UM QUADRO VIVO: 2º ATOR COM CHIFRES DE DEMÔNIO; 1º ATOR COM CIFRES E AURÉOLA; 1ª ATRIZ COM AURÉOLA, ASAS DE ANJO E MINI-TÚNICA) E o teatro discutia transcendentes problemas teológicos. (O 1º



ATOR ASSUME A POSIÇÃO DO "PENSADOR" DE RODIN, ENQUANTO
TO O ANJINHO CRUZA A CENA SE REQUEBRANDO. MÚSICA MALI-
CIOSA) E ditavam-se elevadíssimos preceitos morais.
(1º ATOR FAZ MÍMICA DE ARAUTO DESENROLANDO O PERGAMI-
NHO E PREPARANDO-SE PARA LER UMA IMPORTANTÍSSIMA CO-
MUNICAÇÃO. MARCHA MILITAR. A AÇÃO QUE SE SEGUE É SI-
MULTÂNEA ÀS FALAS DO ARAUTO)

- 1º ATOR - Por ordem do Marechal Arçanjo da 3ª Legião de Queru-
bins, fica decretada a seguinte emenda constitucio-
nal:
- 1º - Perderá a bem-aventurança eterna, quem der mais
de 50 passos fora de casa no domingo. (O ANJINHO VEM
CAMINHANDO DESPREOCUPADAMENTE, QUANDO O DIABINHO DÁ
UMA GARGALHADA E DIZ: "49". O ANJINHO PÁRA, PETRIFI-
CADO, NO MEIO DO 50º PASSO)
- 2º - Justicado será por bruxaria aquêlo que negar a
quadratura da terra. (ANJINHO E DIABINHO JOGAM WOL-
LEY COM UM GLOBO. OUVEM-SE A PROIBIÇÃO E ESCONDEM O
GLOBO)
- 3º - Merecerá a fogueira da Santa Inquisição aquêlo
que tentar se desanalfabetizar. (ANJINHO E DIABINHO -
LÊEM INTERESSADAMENTE UMA REALIDADE DE CABEÇA PARA
BAIXO)
- 4º - Obterá uma cadeira cativa no céu, quem pagar -
pontualmente os seus donativos. (ANJINHO E DIABINHO
RECOLHEM DONATIVOS)
- 5º - Será torturada por imoralidade toda a donzela -
que usar a túnica quinze centímetros acima do dedão.
(ANJINHO, DANDO GRITINHOS, TENTA DESSESPERADAMENTE PU-
XAR A TÚNICA)

6º - Será supliciado, queimado, esquartejado, salgado, cremado, pulverizado, desintegrado, e terá as cinzas expostas em praça pública, todo aquele que tiver a audácia de tentar subverter a nossa milenar tradição, per omnia saecula saeculorum, amen. (DIABINHO e ANJINHO EM PÂNICO PUXAM-SE UM AO OUTRO E TERMINAM FUGINDO)

2ª ATRIZ - Já na Renascença, o homem passou a se preocupar com coisas mais terrenas. (MÚSICA MALICIOSA. O ANJINHO-DESFAZ-SE DA AURÉOLA, ASINHAS E TÚNICA) Por isso, - veio a Commedia dell'Arte ressuscitar o riso e o amor. (PANTOMIMA COM O 1º ATOR, A 1ª ATRIZ e O 2º ATOR, REPRESENTANDO, RESPECTIVAMENTE, OS CARACTERES DE PIERROT, COLOMBINA E ARLEQUIM. EMBORA A PSICOLOGIA DESSAS PERSONAGENS SEJA RESPEITADA, A PANTOMIMA NÃO É UMA RECONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA COMMEDIA DELL'ARTE, MAS UMA BRINCADEIRA MODERNA EM TÔRNO DO AMOR DE SEMPRE) - E do amor-Pierrot, do amor-Colombina e do amor-Arlequim, nasceram a tristeza e o drama. - (MÚSICA TRISTE. LUZ SÔBRE PIERROT, ARLEQUIM E COLOMBINA, QUE EXECUTAM UMA BREVE CENA DE EXPRESSÃO CORPORAL, APOIADA NO SEGUINTE TEXTO):

ARLEQUIM - Sou alguém cuja sina foi amar, com Pierrot, a mesma Colombina. Alguém que, num jardim, teve o sublime - ensejo de beijar-te e jamais esquecer êste beijo.

PIERROT - Ai de mim, que tristonho trazia à tua vida a oferta de meu sonho. Pouca coisa, porém: uma chama ardente e inquieta a arrastar pela terra um coração de poeta.

COLOMBINA - Como te amo, Pierrot!

ARLEQUIM - E a mim, cujo desejo te abriu o coração com a chave de meu beijo? A tua alma estava adormecida e o meu beijo a acordou para a glória da vida!



COLOMBINA - Como te amo, Arlequim!

PIERROT - Ah, a incerteza que desgraça! Escolhe entre nós dois. Bendiremos os fados, sabendo o que é feliz entre dois desgraçados!

ARLEQUIM - Dize - queres-me bem?

PIERROT - Fala, gostas de mim?

COLOMBINA - Eu te amo, Pierrot... e adoro-te, Arlequim. (A ARLEQUIM) O teu beijo é tão doce, (A PIERROT) e o teu sonho é tão manso. Pudesse eu repartir-me e encontrar minha calma, dando a Arlequim meu corpo e a Pierrot minha alma!

(colina)

2ª ATRIZ - O teatro elizabetano também era feito para o povo, e o povo era temido e respeitado como severo juiz, capaz de atitudes bárbaras, se acaso um ator incorresse na sua ira. (ENTRA O 1º ATOR COM O ROSTO DESFIGURADO. VAI DIZER O MONÓLOGO DE HAMLET E, EM VEZ DA CAVEIRA, TRAZ NA MÃO UM TIGRE DA ESSO)

1º ATOR - To be or not to be! That's the question. To sleep, to die, no more...(OS OUTROS ATÓRES, QUE FIZERAM DE PLATÉIA, MASCANDO CHICLET E CUSPINDO PIPOCA, EXPULSAM-NO COM VAIAS E ASSOBIOS)

2ª ATRIZ - Dias difíceis, âsses, para o ator...

1ª ATRIZ - Mas na França de Luiz XIV, as companhias de teatro eram muitas vezes sustentadas por um nobre, especialmente para divertir a corte. À semelhança dos

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



romanos, os cortesãos franceses iam ao teatro por ser de bom-tom. Melieret O Médico Volante! (DÁ COM O BASTÃO AS CLÁSSICAS BATIDAS DE ANTES DE ABRIR O PANO. OUVI-SE UM MINUETO. A CENA É ENTREMEADA DE DANÇA. O 1º ATOR FAZ GORGIBUS, O TIO; O 2º ATOR É SGANARELLE, O MÉDICO, E A 2ª ATRIZ É SABINE, A SOBRINHA)

SABINE - Eis que vos encontro a propósito, meu tio, para vos comunicar uma boa notícia. Trago-vos aqui o médico mais hábil do mundo, um homem que vem de países estrangeiros, que conhece os mais belos segredos e que, certamente, poderá curar minha prima. Em boa hora indicaram-no a mim e eu vô-lo apresento. É tão sábio que de bom grado desejaria ficar doente para que ele me curasse.

GORGIBUS - E onde está ele, pois?

SABINE - Ei-lo que vos segue. Vêde, aqui está!

GORGIBUS - Sr. Doutor, sou um humilde servo vosso. Mandei-vos buscar para ver minha filha que está doente. Deposito em vós tôdas as minhas esperanças.

SGANARELLO - Tendes tôda a razão ao depositar em mim vossas esperanças, pois sou o maior, o mais hábil, o mais douto médico que existe na face mineral, vegetal e sensitiva.

GORGIBUS - Estou encantado!

SGANARELLO - Sabei que não sou um médico ordinário, um médico como todos os outros. Todos os médicos, comparados a mim, não passam de abortos da medicina. Vita brevis, ars vere longa, occasio autem praecipua, exper-

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

rimentum periculorum, iudicium difficile, per omnia
saecula saeculorum emen. Vejamos pois. (PÔE-SE A E-
XAMINAR O TIO)



- SABINE - Oh, mas não é êl- que está doente, é sua filha!
- SGANARELLO - Não importa! O sangue do pai e da filha são a mesma coisa, e pela alteração do sangue do pai, eu posso conhecer o da filha. Sr. Gorgibus, haveria possibilidade de se ver a urina da paciente?
- GORGIBUS - Como não! Sabine, vá correndo buscar a urina de mi nha filha. Sr. doutor, eu tenho tanto medo que ela morra... (SABINE SAI)
- SGANARELLO - Ah, ela que tome cuidado e não tenha a audácia de morrer sem a permissão do médico. (SABINE VOLTA COM UM URINOLZINHO DE PORCELANA) Aqui está uma urina - que indica muito calor e uma grande inflamação intes- tinal. (BEBE A URINA) Em todo o caso, não é tão ruim.
- GORGIBUS - O quê? Vós a engulis?
- SGANARELLO - Não vos espanteis! Os médicos, em geral, se contem- tam em olhá-la, mas eu, que sou um médico fora do comum, eu a bebo, porque pelo gosto identifico bem melhor as causas e as conseqüências da doença. Mas, para dizer a verdade, havia muito pouca urina para dar um bom diagnóstico. É preciso, pois, que vossa filha mijar mais.
- SABINE - Oh, mas eu já tive tanta dificuldade em fazê-la mi- jar!
- SGANARELLO - Ora, vejam só! Que impertinência! Fazei-a mijar co- piosamente! (SABINE SAI) Se todos os doentes mijas

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

sem assim, eu estaria bem arrajando!

SABINE - (VOLTANDO COM O URINOL) Eis tudo o que se pode obter. Ela não conseguiu mijar mais!

EGANARELLO - O quê? Sr. Gorgibus, vossa filha só mija por gôtas? É sem dúvida uma péssima mijona! Estou vendo que se rá preciso lhe repetir uma poção mijatória. Podemos ver a paciente? (Saem todos)

1ª ATRIZ - Mas no século passado o teatro entrou em crise. Vi-rou uma arte gasta e contaminada, muito semelhante a um certo tipo de diversão popular de nossos dias.

1º ATOR - Senhoras e senhoritas, o famoso creme dental Friné, o criador dos mais belos sorrisos, e Heno de Právia, o sabonete embelezador mais perfumado que existe, apresentam (MÚSICA DE NOVELA) mais um fascículo do emocionante drama de Alfonso Alzogaray de la Renuncia ción: Terremoto de Paixões! (OUVEM-SE UM TANGO. O 2º ATOR E A 1ª ATRIZ ATUAM COMO ATÓRES VEDETES)

2º ATOR - Oh, Desdêmona Terezinha, venho chorando lágrimas mis por duvidar de teu pundonor!

1ª ATRIZ - Eu, Otelo Roberto? A dama mais pudibunda de Veneza? Jamás, jamás atraiçoar-te-ia!

2º ATOR - Então justifica-me as nefandas tertúlias que com outro homem tiveste ao balcão nos alhores da aurora?!

1ª ATRIZ - Oh! Quem to contou?

2º ATOR - Iago Jorgel

1ª ATRIZ - Oh, isso é muito dele! Canalha, miserável, crápula, sacripental!

2ª ATRIZ - (ENTRA CARACTERIZADA DE VILÃO) Boa-noite! He, he, he!

2º ATOR E 1ª ATRIZ - Lago Jorge!!! (REBOLDOSA)

(ENTRA O 1º ATOR, AO SOM DA 5ª SINFONIA DE BEETHOVEN. VEM COM UMA BATUTA E IMPÕE RESPEITO)

1º ATOR - O vedetismo dos atores e os clichês do século XIX, tornaram urgente a vinda do diretor.

2ª ATRIZ - E com ele, a ordem restabeleceu-se. O teatro passou a funcionar como um relógio. A precisão do ritmo alcança o virtuosismo no vaudeville francês. Personagens: Monsieur, Prudence, Jézabel. Pega: Viajem ao redor de minha marmitta. Autor: Labiche! (AO SOM DE UM CAN-CAN, SEMPRE NO COMPASSO, AS PERSONAGENS COLOCAM EM CENA O CENÁRIO: MESA E BANCOS. HÁ UMA MÍMICA DE ABRIR E FECHAR PORTAS, O PATRÃO (2º ATOR) ATRÁS DA EMPREGADA (1ª ATRIZ) E O EMPREGADO (1º ATOR) ATRÁS DOS DOIS. A MÚSICA PÁRA. A EMPREGADA PINTA CALMAMENTE AS UNHAS DO PÉ. ENTRA O EMPREGADO COM UM PAPEL NA MÃO)

JÉZABEL - E essa agora... Partir no dia do noivado! Que coisa ridícula!

PRUDENCE - Bem, mas já que o patrão te ordena...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

JÉZABEL - Eu sei que é necessário. Mas quando o patrão fala comigo, eu fico todo bêsta! Me intimida esse homem! Puxa vida! Um dentista! (EXAMINA O PAPEL) Ah, meu Deus!...

PRUDENCE - O que é?

JÉZABEL - Este papel... (LÊ) "Bela Prudence... M.Dª Hau - bignon"... é a mesma!

PRUDENCE - A mesma o quê?

JÉZABEL - Prudence! O patrão está dando em cima da tia

PRUDENCE - (COM APLOMB) É capaz!

JÉZABEL - Ele está sempre metido na tua cozinha, pica teus espinafres, debulha as tuas ervilhas, e me faz beber vinho açucarado...

PRUDENCE - E o que é que isso prova?

JÉZABEL - Isso prova... que as duas caligrafias são da mesma mão!

PRUDENCE - Ora, vamos, estás imaginando coisas! Estás louco?

JÉZABEL - Imaginando, é? Olha aqui. (MOSTRA O PAPEL) Tem um "C" aqui que se parece... não, não se parece!

PRUDENCE - Repara bem, chéri, (APONTA PARA O PAPEL) este "O" aqui está deitado, enquanto que este outro está de pézinho!

JÉZABEL - Isso não prova nada. A gente deita, levanta, deita, levanta...

PRUDENCE - (FINGINDO CHÔRO) Ah, estou vendo que não me amas, porque se me amasses, não dirias que eles se pareciam...

JÉZABEL - (À PARTE) Está chorando! (PARA ELA) Vamos, Prudence, vamos, está bem, não se parecem não!

PRUDENCE - Acho bom!

JÉZABEL - (À PARTE) Apesar de tudo, eu ainda não estou convencido!

PRUDENCE - Está bem, avisa-te. Acabas perdendo o trem com essas besteiras.



- JÉZABEL - (À PARTE) Apressadinha, heim? Vamos atirar
(PARA ELA) Vou buscar a dentadura no consultório do patrão e já vou embora.
- PRUDENCE - Enquanto isso, fico te preparando uma sopinha. Para te esquentar na viagem!
- JÉZABEL - (À PARTE) Vamos um pouco mais longe! (PARA ELA) Prudence, não é a sopa, é a tua imagem que vai me esquentar na viagem!
- PRUDENCE - Galanteador!
- JÉZABEL - (À PARTE) Estou chegando perto! (SAI)
- PRUDENCE - Ah, como êle me enche com os seus ciúmes! E ainda nem nos casamos!
- MONSIEUR - (ENTRA, TRAZENDO UM PAR DE BRINCOS. À PARTE) Aqui estão os brincos. Dezessete francos! Com as cozinheiras não adiantam sutilezas! (Para ela) PRUDENCE!
- PRUDENCE - Monsieur!...
- MONSIEUR - (MOSTRANDO OS BRINCOS) Aqui estão êles!
- PRUDENCE - Ah, vamos ver! Como são lindos!
- MONSIEUR - (À PARTE) Os sacrifícios que a gente faz!
- PRUDENCE - Ah, Monsieur!
- MONSIEUR - Deixa eu te beijar! Queres um beijinho?
- PRUDENCE - Cruzes! Não, Monsieur! (ELA RELUTA)
- MONSIEUR - Ah, bem que eu gostaria de um copo d'água!
- PRUDENCE - Eu também!
- JÉZABEL - (NO BASTIDOR) Bom dia, vizinha, como vai?
- PRUDENCE - Virgem! É êle!

MONSIEUR - Mas ele já não tinha partido?

PRUDENCE - Sim! Mas ele está com ciúmes... do



MONSIEUR - Ah, cretino! Está ficando muito esperiinho!

PRUDENCE - Mas se ele encontra o senhor aqui! Esconda-se!

MONSIEUR - Buf! Mas onde?

JÉZABEL - (NO BASTIDOR) Sim, senhora, passe bem!

PRUDENCE - Aqui embaixo da mesa!

MONSIEUR - Mas...

PRUDENCE - Rápido, rápido, avie-se. (ELE ENTRA PARA BAIXO DA MESA)

JÉZABEL - (ENTRANDO, DESCONFIAO) Estavas sozinha?

PRUDENCE - Sim.

JÉZABEL - Mas me pareceu que ouvi vozes!

PRUDENCE - É no andar de cima. Aqui está a tua sopa. (ENTREGA LHE O PRATO)

JÉZABEL - Ah, mas que cheirinho bom de repôlho!

PRUDENCE - (À PARTE) Contento que o outro não se mexa.

JÉZABEL - (SENTANDO-SE À MESA) Ah, eu adoro repôlho! (QUEI-MA-SE AO LEVAR A COLHER À BÓCA) Aii (DÁ UM PONTAPÉ VIOLENTO QUE ACERTA NO PATRÃO EMBAIXO DA MESA)

MONSIEUR - Ui!

JÉZABEL - O quê? Monsieur... embaixo da mesa?!

PRUDENCE - (À PARTE) Em flagrante!

JÉZABEL - Saia, Monsieur, saia! ... Que fazia o senhor embaixo deste móvel?

MONSIEUR - (SAINDO) Eu gosto de me pôr embaixo da mesa, de -

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

vez em quando... Cincinnatus gostava de lavar...

JÉZABEL - Monsieur! ... Devo lhe dizer uma coisa, eu não engulo essa estória!

MONSIEUR - Está bem, Jézabel! Engula outra coisa, então, um cálicezinho de Bordeaux!

JÉZABEL - Absolutamente não aceitarei! Mas ousarei solicitar ao senhor uma entrevista particular. Deixe-nos, mam'selle Prudence!

PRUDENCE - (À PARTE) Isto ainda vai acabar mal! (PARA OS DOIS) Vou para o meu quarto, hum? (SAI)

JÉZABEL - (À PARTE) agora nós dois!

MONSIEUR - (À PARTE) Muito bem, tenho uma questão de honra com meu criado. Sejamos firmes!

JÉZABEL - Monsieur, devo lhe dizer que, às vezes, encontra-se mais alma sob uma libré do que sob uma casaca!

MONSIEUR - A que se deve esse ditado que não é nem nôvo nem consolador? Explique-se!

JÉZABEL - Eu ousei perguntar a Monsieur, com que finalidade estava embaixo da mesa?

MONSIEUR - Monsieur Jézabel! A quem pertence essa mesa?

JÉZABEL - Ao senhor, mas...

MONSIEUR - Então, por que não teria eu o direito de me colocar sob minhas próprias mesas?

JÉZABEL - Monsieur, mas Prudence...

MONSIEUR - Ah, por obséquio, eu não o interrompi. Essa mesa é minha, eu a comprei, eu a paguei com o suor do meu rosto! Se eu fôsse mal educado, eu poderia

considerar a sua pergunta indiscreta!



- JAZABEL - Sim, mas Prudence...
- MONSIEUR - Eu não o interrompi!
- JAZABEL - (À PARTE) Acredito! Eu ainda não disse nada!
- MONSIEUR - O senhor quer conversar? Pois bem, conversemos! Eu não vou falar nos meus pratos que o senhor quebra a todo o momento... Mas ousarei perguntar-lhe por que minhas botas não foram lustradas hoje de manhã;
- JAZABEL - Foi um esquecimento! Mas Prudence...
- MONSIEUR - Ah, e quanto à minha lâmpada... estava soltando - fumaça ontem à noite! Tossi durante duas horas, duas horas, senhor Jézabel!
- JAZABEL - Monsieur, é a mecha! ... Mas Prudence...
- MONSIEUR - "prudence" impunha-lhe o dever de comprar uma outra... mecha!
- JAZABEL - Mas contudo...
- MONSIEUR - Peço-lhe que não me interrompa!
- JAZABEL - Sim, Monsieur. (À PARTE) Ele me intimida! (PARA O OUTRO) _Era só a respeito do que ocorra há pouco... a mesa... Eu queria perguntar a Monsieur...
- MONSIEUR - Me perguntar? Eu não gosto que estejam sempre me perguntando! Ontem, ainda, eu dei ao senhor umas calças e um velho chapéu...
- JAZABEL - Monsieur confunde as coisas! Isto é uma conversa..
- MONSIEUR - Eu converso meus criados como bem entendo! Não me interrompa! Eu lhes ordeno o que me agrada lhes

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ordenar!... Faz pouco, ainda, eu ordenei uma viagem.
Por que ela não foi feita? Por que o senhor não par-
tiu, senhor Jézabel?



JÉZABEL - Mas... foi porque...

MONSIEUR - Jézabel, você me dá pena! Pegue sua valise, abotoe-se e parta!

JÉZABEL - Sim, Monsieur... (À PARTE) Ele me intimida!

MONSIEUR - Então?

JÉZABEL - Estou me abotoando, Monsieur! Entretanto, eu gostaria de saber...

MONSIEUR - Vá, meu amigo, vá, vá!

JÉZABEL - Sim, Monsieur... Eu vou. (À PARTE) Tanto pior, não estou completamente convencido. Eu voltarei! (S.A.)

MONSIEUR - Muito bem! O negócio está feito, é a parte por três dias. Céus, acho que grandes acontecimentos se prepararam! Minha pobre esposa, teu meridinho está pendurado apenas por um fio!

PRUDENCE - (ENTRANDO) Psiu!... Psssiu!...

MONSIEUR - Prudence! (À PARTE) Alea jacta est!

PRUDENCE - Ele já foi! Acabo de vê-lo dobrar a esquina...

MONSIEUR - Sim, nós tivemos uma conversa muito séria e eu lhe fiz ouvir a voz da razão. O quê? Mudaste de touca, Prudencinha?

PRUDENCE - Puxa, Monsieur, é para fazer honra a seus brincos..

MONSIEUR - Ah, como és cativante... (À PARTE) É verdade, os bombeiros são mais felizes do que a gente pensa! Escuta... desde de manhã que eu acaricio um projeto!



- PRUDENCE - Qual?
- MONSIEUR - Vamos jantar juntos?
- PRUDENCE - Mas onde?
- MONSIEUR - Aqui... os dois... em tête-à-tête...
- PRUDENCE - Monsieur! Ah, vai ser divertidíssimo! ... Eu vou escardá a louça...
- MONSIEUR - Isso, escarda a louça! (À PART) Eu adoro êsse jeitinho errado de falar... Escardá a louça... (PARA ELA) E eu... vou escardá a sopeira!
- PRUDENCE - Isso, escarda!
- OS DOIS - ESCARDEMO!!! (MÚSICA)
- 2ª ATRIZ - Da necessidade, pois, surgiu o diretor. E com o diretor, os métodos:
Stanislavski. Interiorização! (LUZ SÔBR O 1º ATOR, NO CHÃO, EM POSIÇÃO FETAL, DIZENDO COM VOZ CAVA:)
- 1º ATOR - Batatinha quando nasce/ se esparrama pelo chão./ A menina que namora/ bota a mão no coração.
- 3ª ATRIZ - Brecht! Distanciamento crítico!
- 2º ATOR - Eu sou Mac... (EM MÍMICA, SACA UMA NAVALHA E INVERTE CONTRA A 1ª ATRIZ)... Navalha! (MÚSICA:MACK THE KNIFE. O 1º ATOR, EM VEZ DE ATACAR, COMEÇA A FAZER A BARBA COM A NAVALHA. A 1ª ATRIZ TOMA UMA TABULETA, NA QUAL ESTÁ ESCRITO "TABULETA", E DÁ UMA BREVE CORRIDINHA AO REDOR DE MAC)
- 2ª ATRIZ - Grotowsky! (CENA SATIRIZANDO O MÉTODO: UM ATOR DÁ AS INSTRUÇÕES E OS DEMAIS TENTAM, DESESPERADAMENTE, ATINGIR AS PROPOSIÇÕES DO MESTRE)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- 2ª ATRIZ - Assim, pois, foi se solidificando o teatro
lo XX.
- 1ª ATRIZ - E o Brasil, país de personalidade e muito naciona-
lismo, começou a fazer seu próprio teatro, com pe-
ças que marcaram época. (MÚSICA DE MUSICAL AMERICANA-
NO. OS ATÓRES DÃO PASSOS DE DANÇA, TAMBÉM TÍPICAMEN-
TE AMERICANA, E TERMINAM DIZENDO NUM CRESCENDO:)
- TODOS - Boeing-Boeing, Mary-Mary, Hello Dolly, My Fair Lady
(O 1º ATOR E A 1ª ATRIZ FAZEM UMA DUBLAGEM EM PLAY
DA CENA "O REI DE ROMA RUMA A MADRID", DO MUSICAL
"MY FAIR LADY". A EUFORIA DA MÚSICA É SÚBITAMENTE
QUEBRADA)
- 1º ATOR - Mas o teatro brasileiro não foi sempre alienado. Ho-
je, ele também fala de problemas nossos. (OS ATÓRES
REALIZAM UMA CENA EM QUE É SATIRIZADO O "TEATRO HIP
PIE", DA LINHA DE "HAIR")
- 2ª ATOR - Chico-Reiiii! (MÚSICA DE CARNAVAL. O 2º ATOR FAZ CHI-
CO-REI E A 1ª ATRIZ FAZ A RAINHA E, DEPOIS, A PRIN-
CESA)
- CHICO - (FUZILANTE DE COBIÇA) Que as negras não poupem o ou-
ro nas festas do reisado, entendeu? Diga a elas. Di-
ga! Quero as pias cheias de pó cintilante... Com
isto compraremos novas liberdades, e teremos um e-
xército. Com isto temos ordem e Deus... E eles nos
temem, os que aqui nos trouxeram nos temem.
- RAINHA - Como te iludes, Chico Rei! Que força significamos?
Que armas nos cabem contra os donos do mundo?
- CHICO - Falas ainda como uma escrava.
- RAINHA - Eu tenho medo... Dizem, ouve, que organizam um movi



mento contra nós.

CHICO - Porque nos temem.

RAINHA - Que somos um Estado dentro do Estado e que El Rei Português não vê isso com bons olhos.

CHICO - Que não veja. Aqui estamos, e resistiremos.

RAINHA - Não temos armas bastantes.

CHICO - Temos o sangue e a nossa vida. É o suficiente.

RAINHA - Mas isto acaba.

CHICO - Tudo acaba.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

RAINHA - Eu não quero morrer, não quero que tu morras, Chico!

CHICO - És mesquinha, mulher. (TOM) Destino humano, entendes?

RAINHA - Destino humano.

CHICO - Lembras quando em terras da África andávamos livres dos como Deus queria?

RAINHA - Lembro. E tu nunca olhavas para mim, Chico Rei.

CHICO - Eu tinha a minha rainha, e um rei tem deveres graves.

RAINHA - Mas eu te amava.

CHICO - E eras uma menina, uma cabrita selvagem.

RAINHA - Mas eu te amava.

CHICO - Tu sei, hoje eu sei. Mas isto não importa. Tu te falava da liberdade.

RAINHA - Fala, Chico Rei.

CHICO - Eu jamais pensei que algo mudasse tão completamente, porque a gente não pensa no outro lado do destino. - Nascido príncipe, educado para rei, eu era rei como a água é água.

- RAINHA - Eu via o teu denôdo, a tua fúria, a tua juventude.
- CHICO - Bem cedo me adestraram na luta contra os javalis. Agora eu me exercito.
- RAINHA - Hoje és um infeliz.
- CHICO - Que tudo passa...
- RAINHA - Eu via o teu amadurecimento. Era como se o mundo terminasse ali.
- CHICO - Terminava mesmo. Eu não sabia que os invasores rondavam, e por razões de ambição. A liberdade é um direito tão animal, minha rainha. Mas os invasores rondavam não para usurpar terras e implantar poderio, não para provar fôrça e conquistar sua fêmea, mas para explorar território, sem amor. Luta inglória, rainha.
- RAINHA - Desde o princípio, Chico Rei.
- CHICO - Lembro da sujeição amorosa do meu povo, da liberdade e da justiça correndo lado a lado, sem outra posição que o direito do grupo. Lembras?
- RAINHA - Como lembro!
- CHICO - Lembras também da minha rainha?
(...)
- RAINHA - Ela está morta.
- CHICO - E o que é a morte, contra a recordação?
- RAINHA - Eu aceito assim...
- CHICO - Eu te amo porque respeitas isso.
(...)
- RAINHA - Na viagem eu não te vi.

CHICO

- (TRANSFIGURADO DE DOR) O navio... Todos catados com correntes, a sede devorando as nossas entranhas, nossos filhos morrendo, minha rainha morrendo.

RAINHA

- Tu não te via Chico Rei.

CHICO

- Até na escravidão me davam honras de rei, honras que no caso eram humilhações. Eu era escravo à parte. Separado de meu povo, ali nas galés mais duras. Mas eu ouvia o seu lamento, ouvia o chico te estalar. E não entendia muito bem porque.

RAINHA

- Tu chorava.

CHICO

- És fraca.

RAINHA

- Sou.

CHICO

- Eu vi as coisas mais dolorosas para o meu coração, e não chorei. Vi o definhamento da minha rainha, seu gemido durante a noite, abracei sua febre contra o meu peito. Chegou a haver súplica nos meus olhos, mas os verdugos não viam nada... éramos objetos. Vi meus filhos revezarem nas galés e voltarem marcados de chicote e ignomínia. Durante a noite eu não dormia, ouvia o baque do corpo ao mar e ficava pensando quem seria. E eram tantos - quanto o marulho das águas. O nosso mar, ali, sendo infame sepultura.

RAINHA

- Não fales mais, Chico Rei.

CHICO

- Não falo... que adianta?

RAINHA

- Ainda estamos ameaçados.

CHICO

- Agora? Duvido. Temos a igreja de Santa Ifigênia,

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- temos a Mina do Palácio Velho, temos o Reisado e a Festa do Divino, temos a hierarquia e a ordem, rainha.



RAINHA - Eles têm mais ambição e força.

CHICO - Ainda que fôsse assim, não deverias pronunciar tais palavras. Ficas comigo?

RAINHA - Sempre.

CHICO - Pois fica sabendo que Chico Rei não conhece outro poder que o da graça de sua administração. E que não se mata a vida!

RAINHA - Mas se morre.

CHICO - Tudo se acaba, mas a morte é o instante. Aqui está Chico Rei, vivo ou morto, mas inesquecido.

(...)

PRINCESA - Hoje é seis de janeiro.

CHICO - Dia do reisado.

PRINCESA - Faz de teu filho chefe da irmandade de Santa Ifigênia.

CHICO - Ele é um fraco.

PRINCESA - Não repitas isso.

CHICO - Nas reuniões fica mudo quando falamos em guerra.

PRINCESA - Guerra! Guerra! Oh, estás louco Chico Rei. Guerrear, como? Contra quem? Contra as forças de Portugal? Mas te esmagariam antes que pudesses dar a primeira ordem, Chico Rei. De que vale um ideal nas mãos de um incauto? Cuidado... olha o código negro.

CHICO - É contra ele que aqui estou. Que animal somos nós? Ordenam que a todo negro fugido se corte a perna direita, e coloque em seu lugar uma perna de pau, para que

- mesmo aleijado não escape a seu senhor e sirva para alguma coisa.

PRINCESA - E pelo negro fugido, castigado assim, o Estado indeniza o proprietário.



CHICO - Que animal somos nós?

PRINCESA - Mas nós temos dinheiro, Chico Rei, e compramos a liberdade dos nossos.

CHICO - E quais são os nossos?

PRINCESA - Os da nossa família, os da nossa tribo.

CHICO - Mulher, a nossa tribo é a raça.

PRINCESA - Chico Rei, enlouqueceste? Que não te ouçam!

CHICO - Não durmo enquanto não vir a liberdade inteira, aqui.

PRINCESA - Não dormiremos nunca, Chico Rei.

(TERMINADA A CENA, DURANTE A QUAL OS ATÓRES EXECUTARAM UM GINGADO SOLENE DE ESCOLA DE SAMBA, À MEDIDA EM QUE, COM A PROGRESSÃO DA VIOLÊNCIA DA CENA, IAM SE DESPINDO DOS ACESSÓRIOS, COMEÇA UMA DANÇA SELVAGEM)

ATRIZ - Marat-Sade. Peter Weiss.

Hoje vivemos em tempos muito diferentes. Sem os opressores e sem as falências. Estamos a caminho de nossa recuperação. Temos pão e também temos carvão, e, mesmo que ainda mantenhamos uma guerra, diante de nós só brilha a vitória.

ATRIZ - Andorra. Max Frish.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ORÇ - Precisamos falar, Andri.

ANDRI - Outra vez? (ANDRI RI) Hoje, todos se portam como ma

riquetes quando se embaralham os fios; o senhor tam-
bém, reverendo. (ANDRI ACENDE UM CIGARRO) Eu tenho a
sua impressão. O senhor não tem? (ANDRI FUMA)

PADRE - Eu preciso lhe dizer uma coisa, Andri.

ANDRI - Já sei, o reverendo quer me dizer que não se deve che-
gar perto de um soldado e jogar o quepe dele no chão,
quando quem faz isso sabe que não passa de um judeu,
que isso, aliás, não se deve fazer em nenhum caso. -
Pois eu estou satisfeito do que fiz e, por sinal, a-
preendi uma coisa, ao fazê-lo, mesmo se ela não me a-
diante nada. Aliás, não passa um só dia, desde a nos-
sa conversa, reverendo, sem que eu aprenda alguma coi-
sa, que não vai adiantar nada, é claro, exatamente co-
mo as suas boas palavras, reverendo. Eu acredito que
o senhor quer o meu bem, o senhor é cristão de profis-
são, mas eu sou judeu de nascimento e, por isso, vou
emigrar.

PADRE - Andri...

ANDRI - Se conseguir, é claro. (ANDRI APAGA O CIGARRO) Eu
não queria dizer isso a ninguém.

PADRE - Fique sentado.

ANDRI - É a única coisa que o reverendo pode fazer por mim,
agora, é ficar calado e não contar nada a ninguém.
(ANDRI LEVANTA-SE) Preciso ir. (ANDRI RI) Eu tenho
qualquer coisa de inquieto, eu sei, o reverendo tem
tôda a razão...

PADRE - Mas quem ia falar era você ou era eu?

ANDRI - Desculpe. (SENTA-SE) Estou ouvindo.

- PADRE - Andri...
- ANDRI - O senhor está tão solene!
- PADRE - Vim aqui trazer a redenção para você.
- ANDRI - Estou ouvindo.
- PADRE - Eu também não sabia de nada, na última vez que conversamos juntos. Há não sei mais quantos anos que se dizia que ele salvou a vida de uma criança judia. Era um ato cristão, por que eu não havia de acreditar? Mas, agora, Andri, depois da visita de sua mãe...
- ANDRI - A visita de quem?
- PADRE - Da senhora. (ANDRI LEVANTA-SE DE UM PULO) Senta, Andri... Não, você não é judeu. (SILÊNCIO) Você não acredita no que lhe estou dizendo?
- ANDRI - Não.
- PADRE - Então, você acha que estou mentindo?
- ANDRI - Isso a gente sente, reverendo.
- PADRE - Sente o quê?
- ANDRI - Se é judeu ou não é. (O PADRE LEVANTA-SE E SE ACERCA DE ANDRI) Não me toque, reverendo! As suas mãos! Não quero mais isso comigo!
- PADRE - Por que você não quer acreditar em nós?
- ANDRI - Já parei de acreditar. Nunca mais.
- PADRE - Pois eu lhe digo o juro pela salvação da minha alma, Andri: você é filho d'ele, é filho d'ele, é filho da nossa terra. E que não se fale mais em judeu, a seu respeito.



ANDRIL - Mas já se falou muito... (Barulho na rua).

PADEM - O que foi? (SILÊNCIO)

ANDRIL - Desde o dia em que me disseram que sou diferente dos outros, eu prestei atenção, para ver se era verdade o que diziam. É verdade, reverendo: eu sou diferente. Diziam que as pessoas da minha raça gesticulam assim e assim... E eu me coloquei na frente do espelho, quase tôdas as noites. Eles têm razão: eu gesticulo mesmo assim e assim. Não posso gesticular de outro modo. E prestei atenção para ver se é mesmo verdade que eu estou o tempo todo pensando em dinheiro, quando os andorranos ficam me observando e pensam - que eu estou pensando em dinheiro. E, mais uma vez, eles têm toda a razão: eu estou o tempo todo pensando em dinheiro. E assim, não há nada a fazer. E não tenho sentimentos; procurei ter, mas sem resultado: não tenho sentimentos, tenho somente medo. E me disseram que as pessoas da minha raça são covardes. Também prestei atenção nisso. Covardes há muitos, mas eu sei quando sou covarde. Eu não queria admitir o que eles me diziam, mas é assim mesmo. Eles me pisaram com as botas e é como eles dizem: eu não sinto do mesmo modo que eles. E não tenho pátria. O reverendo disse que se deve aceitar este fato e eu o aceitei. Agora, cabe aos andorranos todos, reverendo, aceitarem o seu judeu.

PADEM - Andril...

ANDRIL - Quem fala agora sou eu, reverendo.

PADEM - Você gostaria de ser judeu?



- Tu sou judeu. Durante muito tempo, eu não sabia o que
 queria dizer. Agora sei. (O PAIR^o SINTIA-SE, ISSA
 NIMAD) Eu gostaria de não ter pai nem mãe para que
 sua morte não pesasse sobre mim com a dor e o desespero
 e nem a minha morte sobre eles. E de não ter irmã
 nem noiva: dentro em breve, todos os elos estarão par-
 tidos, contra isso não há juramento ou fidelidade que
 valha. E gostaria de que o que tem de ser não demoras-
 se. Estou velho. Tudo aquilo em que eu confiava desaba-
 bou, uma certeza caiu depois da outra, como dentes. Tu
 me alegrei, o sol me parecia verde nas árvores, atí-
 rei meu nome para o ar como um boné, que não perton-
 cesse a ninguém, senão a mim, e o que cai de volta
 é uma pedra, que me mata. Tu estava errado, ainda que
 de modo diferente do que eles pensavam. Queria estar
 com a razão e alegrar-me. Os que eram meus inimigos
 é que tinham razão, mesmo sem terem razão para isso,
 porque, no fim de todo o exame de consciências, nin-
 guém pode dar razão a si mesmo. Agora, não preciso
 mais de inimigos. A verdade é suficiente. Tu me assug-
 to, tôda a vez que ainda alimento esperança. A espe-
 rança nunca me fez bem. Tu me assusto quando rio, mas
 não consigo chorar. Minha tristeza me ergue acima de
 vocês todos, assim, terei de despenhar-me ao solo.
 Meus olhos estão inchados de angústia, o meu sangue
 sabe de tudo e eu desejaria estar morto. Mas a morte
 me causa terror. A misericórdia divina não existe...

- Isso que você disse é pecado.

- Olhe para o velho mestre-escola, veja e que se ache
 reduzido, e no entanto, houve um tempo em que foi jo-

vem e tinha, como êle diz, uma grande força de vontade. Olhe para Barblin. E para todos, para todos, não somente para mim. Olhe para os soldados. Tudo gente condenada. Olhe para o senhor mesmo. O senhor já sabe hoje o que irá fazer, reverendo, quando vierem me pegar debaixo dos seus olhos tão bondosos! O senhor irá rezar. Por mim e pelo senhor mesmo. Mas a sua reza não irá ajudar nem sequer ao senhor: apesar de tudo, reverendo, o senhor se tornará um traidor. A misericórdia divina é uma eterna lenda, o sol parecerá verde nas árvores também quando êles vierem me levar.

2.º ATOR - Os Rinocerontes. Eugène Ionesco.

Agora estou completamente só, continuarei só como sou. Sou humano, um ser humano. Mas não, eu não sou bonito. Êles, os rinocerontes, é que são belos. Ah, como eu gostaria de ser como êles, mas, infelizmente, não tenho corno. Como é feia uma testa lisa. Eu precisaria de um ou dois para levantar meus braços caídos. Talvez nasçam, e a essa altura eu já não terei vergonha, poderei ir me encontrar com êles. Mas isso não nasce! Minhas mãos estão suadas, Será que elas ficarão rugosas! Tenho a pele flácida, ah, esse corpo tão branco e peludol Como eu gostaria de ter uma pele dura e aquela soberba côr esverdeada, uma nudez decente, sem pêlos, como a dêles. Há um certo atrativo no canto dêles, um pouco rude, mas mesmo assim, atraente! Se eu pudesse fazer como êles, ah, como eu me arrependol Devis ter seguido todos êles, enquanto pra tempo, agora é tarde demais! Infelizmente, nunca serei rinoceronte, nunca! Nunca mais poderei mudar. Gostaria muito, gostaria tan

to, mas já não posso! Não quero olhar para a minha cara, tenho vergonha, como sou feio! Infeliz daquele que quer conservar sua originalidade! Muito bem, tanto pior, eu me defenderei contra todo o mundo. - Minha carabina, minha carabina! Contra todo o mundo eu me defenderei! Eu me defenderei contra todo o mundo! Sou o último homem, hei de sê-lo até o fim! Não me rendo!

(DURANTE TÔDA ESSA CENA, SUBLINHADA POR UMA MÚSICA SELVAGEM E PRIMITIVA, O 1º ATOR E AS DUAS ATRIZES, COM MÁSCARAS DE RINOCERONTE, MOVEM RÍTMICAMENTE OS PÉS. POUCO A POUCO, VÃO SE APROXIMANDO DO 2º ATOR, ATÉ OFERECER-LHE UMA BARREIRA, CONTRA A QUAL ÊLE SE CHOCA NA FRASE FINAL).

1º ATOR -- (MODINHA) O Pequeno retábulo de Don Cristóval. García Lorca.

O poeta que interpretou e recolheu de lábios populares esta farsa de Guignol, tem a certeza que o público desta noite saberá acolher com inteligência e coração limpo, a deliciosa e rude linguagem dos bonecos. Todo Guignol tem êsse ritmo, essa alegria e essa encantadora liberdade que o poeta conservou no diálogo. O Guignol é a expressão de fantasia do povo e dá o clima de sua graça e sua inocência. Assim, pois, o poeta sabe que o público ouvirá com alegria e simplicidade, as expressões e vocábulos que nascem da terra e que servem de limpeza numa época em que a maldade, erros e sentimentos turvos chegam ao mais fundo dos lares.

(LUZ SOB O QUADRO VIVO: MÃE (1ª ATRIZ), DON CRISTÓVAL (2º ATOR) e ROSITA (2ª ATRIZ). SÃO BONECOS DE CORDAS E VÃO FALAR E GESTICULAR COMO TAL.)



MÃE - Eu sou a mãe de Dona Rosita
E quero que se case,
Porque já tem dois peitinhos
Como duas laranjinhas,
Uma bundinha como um queijinho,
E uma passarinha
Que já canta e grita.
E é o que eu digo:
Faz-lhe falta um marido
E, se possível, dois.
Ha, ha, ha, ha, ha.

CRISTÓVAL - Senhora!

MÃE - Cavalheiro de pluma e tinteiro!

CRISTÓVAL - Não tenho sombrero.
A senhora saberá
Que quero me casar.

MÃE - Tu tenho uma filha.
Que dinheiro me dás?

CRISTÓVAL - Uma moeda de ouro
Das que cagou o mouro,
Uma moeda de prata
Das que cagou a gata,
E um punhado de vinténs
Que cagou a sua mãe
Quando não era ninguém.

MÃE - Quero também uma mula
Para ir a Lisboa
Quando sai a lua!



- CRISTÓBAL - Uma mula é muito,
Senhora, não posso.
- MULHER - Ora, o senhor tem dinheiro,
Senhor Don Cristóbal.
Minha Rosita é jovem
E o senhor já é velho,
Velho, velho, requetevelho!
- CRISTÓBAL - E a senhora é uma velha,
Que limpa a bunda com uma telha.
- MULHER - Bêbedo, indecente!
- CRISTÓBAL - Vou já te pôr a barriga quente!
Conta com a mula!
Onde está Rosita?
- MULHER - De camisola em seu quarto.
E está sozinha!
Ha, ha, ha, ha, ha.
- CRISTÓBAL - Dê-me seu retrato.
- MULHER - Mas firmaremos antes o contrato.
- OS DOIS - (CANTANDO, À MEDIDA QUE SAEM) Te dará o pé,
Estendo centige,
Se me deres dinheiro,
Fará o que eu digo.
- CRISTÓBAL - (IMEDIATAMENTE REAPARECENDO DE TRÁS DO TELÃO, JUNTO
COM ROSITA)
Ai, minha Rosita!
- ROSITA - Ai, Cristóbal, tenho medo!
Que vais me fazer?
- CRISTÓBAL - Vou te fazer muuuuuuuuu!

- ROSITA - Sim, sim, sim, sim, sim. (REAPARECE O PRÓLOGO E OS DOIS BEIJAM-SE NOVAMENTE)
- CRISTÓBAL - (ACORDANDO) Brrrrrrr! Que foi isto, Rosita, fôste tu?
- ROSITA - Não te ponhas assim, São as rãs do banhado!
- MÃE - (NO BASTIDOR) Rositaaaaaaa! Aqui está o médico! (CRISTÓBAL ADORMECE NOVAMENTE)
- PRÓLOGO - (ENTRANDO E ACORDANDO DON CRISTÓBAL) Cristóbal!
- CRISTÓBAL - (DESPERTANDO) O que há?
- PRÓLOGO - Acorda, que Dona Rosita está enferma!
- CRISTÓBAL - Que tem ela?
- PRÓLOGO - Está de parto!
- CRISTÓBAL - Parto?!?!
- PRÓLOGO - Sim, teve quatro filhos. (SAI)
- CRISTÓBAL - Ai, Rosita, tu vais me pagar, Mulher má! Com tostões que me custast-! Pin, pan, brrrrrrr! (ROSITA GRITA, ENTRA A MÃE) De quem são os filhos?
- MÃE - Teus!
- CRISTÓBAL - (DÁ-LHE UM GOLPE) De quem são os filhos?
- MÃE - Teus, teus, teus, teus!
- PRÓLOGO - (METE A CABEÇA PARA FORA) Agora está nascendo o quinto!
- CRISTÓBAL - De quem é o quinto? (GOLPE)
- MÃE - Teu, teu, só teu!



34

CRISTÓBAL - (GOLPES) Te matei, velha bruxa, te matei!
Agora vou saber de quem são os filhos!

MÃE - Meus, teus, teus, teus!

CRISTÓBAL - (GOLPE SOBRE GOLPE) Toma, toma, toma, por...por...

PRÓLOGO - (ENTRANDO) Bastal (COMEÇA A OUVIR-SE UMA MODINHA)
Senhoras e senhores: os camponeses andaluzes assistem, com frequência, comédias desse tipo, sob os ramos cinzentos das oliveiras, no ar sombrio dos estábulos abandonados. Entre os olhos das mulas e os tenros feixes de espigas molhadas, estalam com alegria e encantadora inocência, palavrões e vocábulos que não aguentamos nos ambientes das cidades. Os nomes feios adquirem ingenuidade e frescor, ditos por bonecos que mimam o encanto dessa velhíssima farsa rural. Enchamos, pois, o teatro de espigas frescas, sob as quais passam os palavrões, a lutar contra a vulgaridade e o tédio a que a cena tem sido condenada. E saudemos hoje a Don Cristóbal, primo andaluz do Bululu galgo, cunhado de tia Norica de Cádiz, irmão de M. Guignol, de Paris, e tio de Arlequim de Bórgamo, como uma das personagens onde vive, pura, a velha essência do teatro.

(MÚSICA)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



HUIT CLOS: Jean Paul Sartre! (MÚSICA. LUZ SOBRE A PRIMEIRA ATRIZ)

1ª ATRIZ- Comprendo. que estou no inferno e digo aos Srs que estava tudo previsto. Estava previsto que eu estaria aqui, neste palco, com todos, estes olhares para mim... Esses olhares que me devoraram! Ah! Mas vocês são tão poucos! Eu julgava que fôsem muito máis numerosos!... Então é isso o inferno. Quando eu iria pensar... Vocês sabem, enxôfre, fogueira, grelha... que besteira! Não há necessidade de grãha, pois o inferno são os outros!

1º ATOR - (SÓZINHO EM CENA) Aos que vierem depois de nós. Berthold Brecht.

Realmente, vivemos em tempos sombrios: a inocência é loucura: uma fronte sem rugas denota insensibilidade e aquêle que ri ainda não recebeu a terrível notícia que está para chegar. É certo, ganho o meu pão ainda. Mas, acreditai-me, é pura causalidade. Nada do que eu faço, justifica que eu possa comer e beber até fartar-me. Por enquanto as coisas me correm bem. E dizem-me: bebe, come, alegra-te pois tem com que. Mas como posso beber e comer, se ao faminto arebato o que como, se o copo d'água falta ao sedento? E todavia continuo bebendo e comendo. Realmente, vivemos em tempos sombrios. E contudo, sabemos que também o ódio contra a baixeza endurece as feições; que também a cólera contra a injustiça enrrouquece a voz. Ah, os que quisemos preparar terreno para a bondade, não pudemos ser bons. Vós porém, quando chegar o momento em que o homem seja bom para o homem, lembrai-vos de nós com indulgência.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025